

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

**TRÊS NARRATIVAS/O MESMO TEMA:  
A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NOS ROMANCES DE LAUSIMAR LAUS**

MARJORIE NUNES MIRANDA DA ROCHA

FLORIANÓPOLIS

2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

**TRÊS NARRATIVAS/O MESMO TEMA:  
A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NOS ROMANCES DE LAUSIMAR LAUS**

MARJORIE NUNES MIRANDA DA ROCHA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Teoria Literária.

Orientador: Prof. Dr. Lauro Junkes.

FLORIANÓPOLIS  
2004

Dedico esta dissertação as minhas  
filhas Carolina e Mariana.

## AGRADECIMENTOS

A conclusão desse trabalho é o resultado de muitas leituras, vivências, mudanças, para cuja realização muitas pessoas contribuíram.

Agradeço a Deus por ter-me proporcionado condições para essa experiência profissional e o conhecimento que adquiri.

Ao meu orientador Prof. Dr. Lauro Junkes, por contribuir para o meu conhecimento intelectual, participando sempre com sugestões, críticas, indicando leituras. Tê-lo como orientador foi um privilégio, bem como ter encontrado um verdadeiro amigo.

A Elba, uma pessoa carinhosa, sensível e sempre prestativa nos assuntos pertinentes ao curso.

Ao Prof. João Hernesto Weber e Prof.a Tânia Regina de Oliveira Ramos que participaram do Exame de Qualificação desta dissertação agradeço pelas importantes sugestões que procurei incorporar nesse trabalho.

Aos meus pais Ary Pereira Miranda Filho e Maria Laura Nunes Miranda, que, mesmo distantes, estiveram sempre presentes, me apoiando e encorajando-me a realizá-lo.

A minha avó Maria Nunes e minha tia Maria Lúcia; pelo incentivo.

Ao meu marido Eduardo Carasek e minhas filhas Mariana e Carolina, pela compreensão por nem sempre poder estar em família.

Aos amigos Eduardo Silva e Ana Lúcia Freire pelas trocas de experiências, amizade e material de leitura.

## RESUMO

Esta dissertação é mais um olhar sobre a produção romanesca de Lausimar Laus, tendo como foco de análise a imigração alemã, leit motiv desenvolvido pela autora em seus romances: *Tempo permitido* (1970), *O guarda-roupa alemão* (1975) e sua obra póstuma *Ofélia dos navios* (1983). Sendo descendente de imigrantes alemães, Lausimar Laus revela, através desses romances, um pouco da história da vida dos imigrantes alemães e seus descendentes, que aqui colonizaram o Vale do Itajaí, principalmente os que fundaram a cidade de Blumenau, a partir de 1850. Partindo, inicialmente, de uma abordagem histórica, percebe-se, através de informações obtidas através da literatura, como foi a vida do imigrante alemão no Sul do Brasil, ressaltando a transformação da vida colonial para a urbana com a presença da industrialização. Em seguida, sendo a identidade étnica fundamental na preservação do *Deutschtum*, que constituiu no uso da língua alemã, na conservação da cultura, e principalmente na valorização sanguínea como fatores que estabelecem a nacionalidade acima do Estado e da cidadania, são analisadas a língua alemã e a família, a partir dos romances. A presença da imigrante alemã tem vários desdobramentos, pois é o elo da educação dos filhos e da ideologia. Assim, se constitui a análise das narrativas sobre a imigração alemã.

## ABSTRACT

This work analyzes German immigration in accordance with the romances *Tempo permitido* (1970), *O guarda-roupa alemão* (1975), and *Ofélia dos navios* (1983) written by Lausimar Laus. Lausimar Laus was a German descendent and through her romances she described the life of the German immigrants and descendents that colonized the Vale do Itajaí, especially those who lived in Blumenau city after 1850. The life style of German immigrants in the south of Brazil and their transformation from rural to urban living, due to industrialization, was obtained considering the historical aspects from the literature. The German language and family were analyzed in the cited romances because they represent the identity ethic which was necessary to preserve the *Deutschtum*, i.e., use of the German language, conservation of culture, and, especially, the blood valorization as a factor that established its superiority above the citizenship. The presence of female German immigrants has many historical influences, because it was the link between the education of their children and their ideology. In this sense, this work carries out analyses about German immigration.

## SUMÁRIO

<b>1.Introdução.....</b>	<b>09</b>
<b>Apresentação das três narrativas.....</b>	<b>15</b>
<b>2.A imigração alemã no sul do Brasil.....</b>	<b>20</b>
<b>3. A imigração e a identidade étnica nos romances.....</b>	<b>30</b>
<b>3.1 A língua alemã como componente da identidade étnica.....</b>	<b>31</b>
<b>4. A família como componente da identidade étnica.....</b>	<b>58</b>
<b>5. Conclusão.....</b>	<b>73</b>
<b>6.Bibliografia.....</b>	<b>76</b>

## 1. Introdução

Eles honram leis e tradição  
 Bons alemães com coração e linguagem;  
 Enérgicamente verdeia dentre eles  
 A lealdade a qualquer hora.  
 Eles lutam como corajosos guerreiros  
 Na proteção da pátria;  
 Retornam os orgulhosos vencedores  
 Adornados com a coroa de louros  
 Rudolf Damm<sup>1</sup>

Este trabalho tem como objetivo a análise da imigração alemã, baseando-se na leitura dos romances *Tempo permitido* (1970), *O guarda-roupa alemão* (1975) e *Ofélia dos navios* (1983), de autoria da escritora catarinense Lausimar Laus.

A presença marcante da imigração alemã, nos romances escritos por Lausimar Laus, mostra que a matriz de seu trabalho de criação está diretamente relacionada com afeição às suas raízes e à educação germânica que recebeu. Tal fato se constata na leitura dos romances e através de uma entrevista que ela concedeu ao jornal *A Ponte*, esclarecendo: “Escrever é sangrar. Toda vez que escrevo um livro escoa-me um pouco de minha vida”.<sup>2</sup>

Nascida em Itajaí a 16 de abril de 1916, ainda jovem foi morar no Rio de Janeiro, cidade em que, na visão de Lausimar Laus, “*não havia vez para as moças. Mas a gente vence. É só querer. O alemão, você não vê, ele diz “eu posso”, e vai adiante*”<sup>3</sup>. E foi com esta visão, o desejo de vencer, que se fez tão marcante na sua origem, quando um dia seus antepassados, cruzaram os mares, e se estabeleceram nas terras do Vale do Itajaí, enfrentando vários desafios, que Lausimar Laus foi percorrendo os seus; dando voz à mulher que vivia numa

<sup>1</sup> Apud. STEIL, Marcelo. *Desvendar o tempo: a poesia em língua alemã produzida nas zonas de colonização em Santa Catarina*. Blumenau: HB, 2002. p.107.

<sup>2</sup> JUNKES, Lauro. *O Mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis: UFSC, 1987. p. 92.

<sup>3</sup> Idem, ibidem, p. 92.



sociedade repressora e que foi conquistando o seu lugar, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, onde viveu por 40 anos, até falecer vítima de um infarto em 03 de outubro de 1979.

Na sua trajetória intelectual, Lausimar Laus fez Licenciatura em Letras Clássicas pela Universidade Santa Úrsula do Rio de Janeiro e cursou Doutorado na Universidade de Madrid. Ela exerceu o magistério, ensinando Português e Alemão; também trabalhou como jornalista, prestando serviços para os mais importantes órgãos da imprensa nacional. Escreveu para as revistas *O Cruzeiro*, *Manchete*, para os jornais *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, contribuindo também, efetivamente, nos suplementos literários de *Minas Gerais* e do *Estado de São Paulo*. Sua produção literária demonstra habilidade e competência em diversos gêneros. Publicou um livro de poesias, *Confidências*, três de literatura infantil, *Histórias do mundo azul*, *Brincando no Olimpo* e *O sonho da Candoquinha*, um de crônica de viagem *Europa sem complexos*, e três de ensaios, *O romance regionalista brasileiro*, *Presença cultural da Alemanha no Brasil* e *O mistério do homem na obra de Drummond*.

Mas foi com a produção de romances que alcançou maior notoriedade. Desejou escrever sobre a colonização germânica e planejou três romances, entretanto somente pôde publicar *Tempo permitido* (1970) e *O guarda-roupa alemão*<sup>4</sup> (1975), livro que lhe deu a possibilidade de ser homenageada com o título “Personalidade do Ano em Literatura” (1975) e o seu terceiro romance *Ofélia dos navios* ficou inédito, sendo posteriormente editado (1983). Em 1977, também recebeu pelo Jornal de Santa Catarina o troféu “Barriga Verde”, pela divulgação da literatura no estado.

Lausimar Laus foi uma escritora catarinense que contribuiu para o meio literário, revelando em suas obras uma percepção do contexto social e histórico à sua volta, sendo este estruturado por uma imaginação descritiva e certo humor no uso da linguagem.

---

<sup>4</sup> O romance *O guarda-roupa alemão* já foi analisado e defendido em duas dissertações. VIEIRA, Vilca Marlene. *Uma leitura metafórica do guarda-roupa alemão*. UFSC, 1978; BARBOSA, Márcia Fagundes. *Vivendo Além das Fronteiras: O guarda-roupa alemão de Lausimar Laus*. UFSC, 2002.

Nas palavras de Edward Foster: “*As personagens duma narrativa de ficção são pessoas cujas vidas secretas são ou poderiam ser visíveis: Nós somos pessoas cujas vidas secretas são invisíveis*”<sup>5</sup>. No mundo imaginário, através da leitura, vamos conhecendo as histórias vividas pelas personagens, porque, através de suas falas ou mesmo de um narrador onisciente, chegamos ao desfecho de suas vidas; já no mundo real percebemos que as pessoas, numa sociedade, não são totalmente transparentes, pois em determinadas situações usam máscaras, sendo cada pessoa uma fonte de mistério.

Algumas vezes, nem a psicologia moderna conseguiu revelar os atos mais absurdos cometidos pelo ser humano, pois este é enigmático; no entanto, na ficção, desde os textos mais antigos até os textos mais modernos, é possível ver as virtudes, os defeitos e compreender as ações dos homens, porque, na ficção, as personagens são finitas, o texto é maleável e encontram-se soluções para os encaminhamentos da ação; já na realidade a vida é um mistério. Nas palavras de Afrânio Coutinho, “*através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana.*”<sup>6</sup> Essas verdades são bem colocadas no texto construído por Lausimar Laus, quando questiona a vida e mostra a fragilidade da natureza humana.

Lausimar Laus, através da ficção, proporciona uma leitura atrativa ao leitor de seus romances, por vários motivos; entre eles podemos citar o trabalho bem estruturado, em que existe uma aproximação entre o mundo real e imaginário. É claro que a ficção é o retrato de uma realidade mais ampla que a realidade concreta que conhecemos. Através dos discursos proferidos pelas personagens, que Roland Barthes chamou de aventura da linguagem, o leitor percebe afetividade, existe a possibilidade de projeção de alguma personagem, pois a

---

<sup>5</sup> FORSTER, E.M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Globo, 1973. p. 49.

<sup>6</sup> COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

interação com o ser de papel pode levá-lo a desnudar as intenções ou desejos do subconsciente que, na realidade, às vezes estava submerso.

Ao desenvolver a temática da imigração alemã, Lausimar Laus também contribui na Literatura Brasileira com mais uma visão sobre um momento que fez parte da História do Brasil, pois traz marcas de uma história cultural que não deve ser esquecida, tanto é que a imigração alemã tem sido explorada na Literatura Brasileira, sobretudo no século XX, o que podemos observar através das publicações de vários romances como: *Canaã*<sup>7</sup> de Graça Aranha (1902), *Amar verbo intransitivo*<sup>8</sup> de Mario de Andrade (1927), *O tempo e o vento*<sup>9</sup> de Érico Veríssimo (1949/1951) *Um rio imita o Reno*<sup>10</sup>, de Vianna Moog entre outros. Também novas obras continuam a incorporar essa temática com destaque, como as da escritora Catarinense Urda A. Klüeger com a publicação dos romances: *Verde vale*<sup>11</sup>, *As brumas dançam sobre o espelho do rio*<sup>12</sup> e *No tempo das tangerinas*<sup>13</sup>, o romance *A superfície*<sup>14</sup> de Ricardo L. Hoffmann ou o vigoroso romance de Adolfo Boss Jr. *Quadrilátero*<sup>15</sup>. Estes são conhecidos como histórico-regionais e fazem um recorte imaginário dos imigrantes alemães na região de Blumenau.

Dessa forma, percebemos que o processo de criação de cada escritor é um caminho de busca pessoal, na construção de seu texto, o qual algumas vezes é formado por elementos da realidade que o cerca, juntamente com o seu poder de imaginação. No caso de Lausimar Laus, seus romances apresentam essa fusão. Eles surgem trazendo um pouco da vivência concreta do universo que ela representou, recordando fatos históricos e sociais que dizem respeito à região do Vale do Itajaí, principalmente, da cidade de Blumenau, onde a presença da

---

<sup>7</sup> ARANHA, Graça. *Canaã*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1988.

<sup>8</sup> ANDRADE, Mario. *Amar, verbo intransitivo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.

<sup>9</sup> VERÍSSIMO, Érico. *O Tempo e o vento*. 23. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

<sup>10</sup> MOOG, Vianna. *Um rio imita o Reno*. 8.ed. Porto Alegre: Globo, 1973.

<sup>11</sup> KLUEGER, Urda Alice. *Verde vale*. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

<sup>12</sup> KLUEGER, Urda Alice. *As brumas dançam sobre o espelho do rio*. 4 ed. Florianópolis: Lunardelli, 1992.

<sup>13</sup> KLUEGER, Urda Alice. *No tempo das tangerinas*. 5.ed. Florianópolis: Lunardelli, [198-]

<sup>14</sup> HOFFMANN, Ricardo L. *A superfície*. São Paulo: GRD, 1967.

<sup>15</sup> BOSS JUNIOR, Adolfo. *Quadrilátero*. (Livro Um: Mateus). São Paulo: Melhoramentos, 1983.

imigração alemã foi decisiva. Essas vivências só contribuíram para a literatura, por ter mais uma escritora que construiu uma literatura embasada num sentimento íntimo, o instinto de nacionalidade, tão bem definido por Machado de Assis.<sup>16</sup>

É importante ressaltamos que os romances analisados se constituem em narrativas independentes. Abordamos, ao longo desta pesquisa, esses romances, porque percebemos que trazem, através da ficção, dados pertinentes sobre a vida do imigrante alemão e seus descendentes, mostrando encontros, desencontros e tensões, seja nas inter-relações familiares, como também sociais; sendo decorrentes da identidade étnica e designação de fatos históricos como: a primeira e segunda guerra mundial e o nacionalismo.

O interesse em desenvolvermos essa pesquisa surgiu por desejarmos contribuir na Literatura com maiores informações sobre esse assunto, bem como valorizarmos a produção da escritora e da literatura catarinense.

No primeiro capítulo desta dissertação, esclarecemos o objetivo do tema estudado, e mostramos o trabalho de criação de Lausimar Laus, tendo grande amor à cidade em que nasceu, é uma escritora que valorizou a literatura catarinense com seus romances e demais obras. Também fazemos uma apresentação dos romances a fim de estabelecer um olhar sobre a literatura que se lê nos romances aqui analisados.

No segundo capítulo, intitulado – “A imigração alemã no Sul do Brasil”, fazemos, inicialmente, uma breve abordagem histórica de como foi a vida dos imigrantes nos primeiros anos de colonização, a necessidade que sentiam de preservação da etnicidade alemã em terras brasileiras e o conflito estabelecido do imigrante alemão e dos teuto-brasileiros em relação à nova terra.

No terceiro Capítulo - “A imigração e a identidade étnica nos romances”, fazemos uma análise da identidade étnica a partir dos romances, pois norteou o comportamento dos

---

<sup>16</sup> ASSIS, Machado. *Instinto de nacionalidade*. In: *Crítica literária*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: Jackson, 1955.

imigrantes alemães e seus descendentes teuto-brasileiros, tanto na vida familiar como social, o que se faz presente nas três obras estudadas. Dentro do contexto étnico, damos enfoque nesse capítulo à língua alemã, pois teve papel fundamental na preservação do *Deutschtum*.

No quarto capítulo, fazemos uma abordagem sobre a família do imigrante alemão. Ela também representa a célula mantenedora da identidade étnica. A análise é registrada com alguns exemplos dos romances. Nesse contexto, são vistos os casamentos, a educação, os costumes, destacando o papel desenvolvido por essa mulher em preservar a ideologia alemã com os filhos.

Na conclusão, reuniremos informações pessoais sobre a temática tratada.

Epígrafes dos inícios de capítulos foram retirados do livro organizado por Marcelo Steil – *Desvendar o tempo*<sup>17</sup>.

Apresentamos, a seguir, um pouco do enredo dos romances, pois acreditamos que ajudará a compreensão e a contextualização dos assuntos analisados, que serão abordados com maior amplitude, nos capítulos posteriores.

---

<sup>17</sup> STEIL, Marcelo. *Desvendar o tempo: a poesia em língua alemã produzida nas zonas de colonização em Santa Catarina*. Blumenau: HB, 2002.

### **Apresentação das três narrativas.**

*Tempo permitido* é o primeiro romance escrito por Lausimar Laus e foi publicado em 1970. A história enfoca a vida de Luísa e Celina, duas universitárias brasileiras que vivem na casa do Brasil em Madrid, onde vários estudantes se hospedam para realizar cursos superiores e de aperfeiçoamento.

Luísa é uma pessoa afável, com um espírito jovem, mesmo com seus 50 anos de idade. Ela cativa a confiança das pessoas que a cercam. Dessa forma, toma consciência dos problemas que sua amiga Celina passou durante o convívio familiar na região de colonização alemã do Vale do Itajaí, bem como os de Antoine, um jovem francês traumatizado pelo seu passado como seminarista, com quem Luíza se envolve intimamente. Não há como deixar de perceber semelhanças da personagem Luísa com a própria autora, que fez seu doutorado em Madrid.

Celina, possuída de muitos “medos”, vítima de uma educação conturbada, busca compreender a sua vida através de recordações. Em suas visões, surgem os costumes conservadores alemães e o seu empenho no trabalho, as dificuldades ocorridas com a “Klein Deutschland”, as atitudes do pai Nataniel, um lajeano, que sempre se opõe à sogra Maria Alemã, a esposa D. Edla e os seus descendentes alemães, sendo um fanático por Getúlio Vargas. Celina também revela, nessas visões, que o único homem de que gostou na vida foi o tio Otto, irmão de sua mãe, mas foi Bernadete, uma amiga, que nada sentia pelos seus dois maridos, que a desvirginou na adolescência, iniciando assim o seu desejo só por mulheres.

O *guarda-roupa alemão*, segundo romance de Lausimar Laus, foi publicado em 1975 e conta, num enredo muito bem estruturado, a história das famílias que imigraram da Alemanha para o Vale do Itajaí.

O espaço da narrativa abrange mais a colônia de Blumenau, onde são relatados fatos das quatro gerações que se sucederam da família Ziegel.

A ação envolve cerca de cem anos, ressaltando a vinda dos imigrantes, a partir de 1850, até o período da industrialização, quando surge uma cidade mais moderna.

No romance, a história é narrada em certos momentos por Homig, último descendente da família Ziegel, através do monólogo interior, uma das técnicas do fluxo de consciência, e também é apresentada do ponto de vista da onisciência seletiva uma intercecção de terceira e primeira pessoa.

Segundo Celestino Sachet, citado por Vilca, Homig é levado pelas recordações:

*(...) para dentro das fúrias das águas de um rio que destrói uma cidade, para dentro das fúrias de paixões desordenadas que destroem famílias e para dentro de todas as fúrias de um nacionalismo irracional, tanto do lado dos alemães quanto dos brasileiros, que chega a destruir e a matar...por amor.<sup>18</sup>*

Os diferentes pontos de vista se caracterizam ora no diário de Klaus, ora no diário de Hilda e ora nas memórias de Lula, uma antiga professora primária, de origem brasileira, que ensinava aos jovens alemães a Língua Portuguesa.

Os acontecimentos são apresentados não na ordem e no tempo de duração que tiveram, mas na descontinuidade da mente de Homig, recorrendo a analepses ou flash-backs.

Sendo um romance histórico-regional, acontecimentos marcantes vão se entrelaçando na vida das personagens. Entre eles podemos citar as enchentes de 1880 e 1911, a primeira e

---

<sup>18</sup> VIEIRA, Vilca Marlene. “Uma leitura metafórica d’ *O guarda-roupa alemão*”. (Dissertação de mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1978.

a segunda guerra mundial, o período em que Getúlio Vargas impôs a nacionalização. O leitor visualiza, através dos fatos, a mudança da vida econômica colonial para a industrial.

O romance inicia-se quando Homig, já velho, sentindo-se sozinho, mas tendo usufruído uma vida aventureira e boêmia, tem o dever de cumprir a missão que sua bisavó Ethel designara, antes de falecer, para o último descendente da família Ziegel: anunciar o enigma que guardara no *Kleiderschrank*. A casa tinha sido vendida para outra família com todos os seus pertences e o segredo não podia ser mais adiado.

O armário, de quase quatro metros de altura, tinha sido trazido há cem anos da Alemanha, pelos seus bisavós Erwin Ziegel e Ethel, e tinha se tornado para Homig, após a morte de sua *Grossmutter*, um grande dilema. O armário e sua bisavó Ethel demonstravam força, coragem, determinação e cumplicidade.

Homig, diante do armário, revive, através do tempo psicológico, a vida de seus bisavós, os avós Klaus e vó Sacramento, os pais e as pessoas da sua geração. Não consegue abrir a gaveta, por falta de coragem, tendo permanecido o período de um dia e meio na presença daquele armário de jacarandá.

Ralf, seu primo, o ajuda e descobre o enigma, revelando também a rigidez dos princípios que Ethel Ziegel queria preservar. Ela matou sua filha para impedir que seu neto, que estava ainda sendo gerado no ventre materno, viesse a nascer, pois não permitia a união de sua filha com um negro; para ela era um sacrifício o fato de ter netos de descendência indígena na família. No final do romance, diante dos últimos acontecimentos e com a saúde abalada, Homig vem a falecer.

*Ofélia dos navios* foi o último romance escrito por Lausimar Laus, provavelmente ainda em reescritura, sendo sua obra póstuma. É um romance que revela o lado humano e social de diferentes povos. Surge a presença de imigrantes italianos, açorianos e japoneses em



Blumenau. Através de suas personagens, percebe-se uma maior concentração da miscigenação e sua conseqüente diversidade cultural, que ocorreu em Itajaí, exatamente no período da segunda guerra mundial.

O título do romance refere-se a Ofélia, a louca que, depois de receber a notícia da morte do marido, fica demente. Ofélia vai todos os dias, de manhã e à tarde, para o cais esperar o marido. Torna-se figura excêntrica, com seus cabelos soltos, vestindo uma túnica branca e enfeitada com colares de flores de boa-noite. A vida para Ofélia só tem significado a partir daquela ação e seu sofrimento está sempre presente na lembrança de todos.

Além de Ofélia, o romance mostra a vida de duas adolescentes, Hanelle e Fefê, que lutam contra a educação rígida imposta pelos pais. Para conseguir seus objetivos, muitas vezes desafiam alguns padrões éticos impostos pela sociedade, revelando coragem, determinação e autenticidade nos seus atos.

Hanelle deseja ser professora, como a mãe, mas a situação financeira da família é difícil. A família sempre recebe ajuda financeira do tio João Garten, pois este possui recursos. Hanelle consegue que este financie seus estudos na Escola Normal em Florianópolis. Depois de um tempo, desiludida com a situação do magistério e a perda da melhor amiga, resolve casar com um madeireiro rico. Parte para Europa com o marido e, numa carta enviada para a mãe, revela sua intimidade e frustração com o marido, reafirmando sua autenticidade e chocando os padrões morais maternos.

Já Ofélia, chamada carinhosamente por todos de Fefê, é uma moça mais retraída e segue, na medida do possível, a educação estabelecida pelos pais. Sua mãe, Dona Marta, é neta de açorianos. Vivendo no Brasil, casou-se com Karl Günther, descendente germânico. Essa união não era tão comum na época, mas demonstra que já ocorria avanço nas relações entre pessoas descendentes de diferentes nacionalidades, pois, em anos anteriores, os preconceitos dificultavam as relações interpessoais. Aqui será interessante observar que a

personagem Hanelle revela muita maior afinidade com a autora; no entanto, esta destacou como protagonista Ofélia, buscando, assim, maior abertura e saída do clã alemão.

Vivendo dificuldades financeiras em decorrência do período de guerra, a família Günther sofre suas conseqüências. A filha adoece e o pai não consegue pagar as dívidas. Para o pai, a única alternativa é instalar-se com a família numa velha cabana, herdada pelo pai em Caçador.

Viver dentro do mato, era a própria morte para Fefé. Ela queria viajar e também desejava ser professora. Resoluta, luta pela vida, mesmo que tenha de deixar as pessoas que tanto ama. Com a ajuda do negro Gonçalves da Cor Ausente, ela trama a sua própria morte e vive protegida na casa de Maria Taioba. Não trabalha como prostituta, mas como garçone. Fefé era “o fantasma de preto” que todos comentavam e era respeitada naquele estabelecimento, pois Maria Taioba inventara uma história triste para disfarçar suspeitas e a protegia como filha. Também aqui, a atitude resoluta, a ânsia de liberdade, o enfrentamento das convenções morais e sociais revelam traços da própria Lausimar Laus.

Fefé conquista sua liberdade quando Tohshyro, um marinheiro com quem namorava, chega no seu navio em Itajaí. Ao visitar a casa de Maria Taioba toma conhecimento da verdade. Resolve casar e levá-la clandestinamente em seu navio que vai para o Japão. Com a saúde abalada e a descoberta pelo capitão de sua presença no navio, Fefé vem a falecer. Seu caixão é lançado em alto mar, enquanto o marinheiro leva ao alto a Bandeira Nacional Japonesa.

## 2. A imigração alemã no Sul do Brasil.

A antiga pátria deu à nova  
Aquilo que uma terra torna grande e forte  
Deu-lhe do sangue seu, o fiel,  
De sua força, de seu cerne.  
Aqui transformamos com calejadas mãos  
A selva em paraíso,  
E de todos os recantos  
Saúda o trabalho, a alemã dedicação.  
Victor Schleiff<sup>19</sup>

Para introduzirmos nosso trabalho, é interessante e necessário que recuperemos algumas informações históricas sobre a imigração alemã no Sul do Brasil.

A primeira delas é que a vinda de imigrantes europeus para o Brasil foi incentivada pelo *decreto de 25 de novembro de 1808*<sup>20</sup>, quando D. João VI permitiu aos estrangeiros o acesso a terra. Até essa data, o desenvolvimento do Brasil estava vinculado apenas ao trabalho do colonizador português, que durante muitos anos explorou índios e negros na execução de tarefas. Essa abertura propiciou a vinda de imigrantes, que contribuíram muito para o desenvolvimento do Brasil, entre eles o imigrante alemão.

Também cabe ressaltarmos que, segundo estudo realizado por Giralda Seyferth, as razões que levaram os imigrante alemães a deixarem o seu país e se aventurarem em busca de terras brasileiras foram:

*(...) a escassez de terras, a fragmentação das propriedades (em Baden), a Anerbenrecht (no Holstein), o excesso de trabalho nas áreas industrializadas e os baixos salários tanto dos operários como*

---

<sup>19</sup> Apud. STEIL, Marcelo. *Desvendar o tempo: a poesia em língua alemã produzida nas zonas de colonização em Santa Catarina*. Blumenau: HB, 2002. p.119.

<sup>20</sup> SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 9.

*dos trabalhadores rurais. Além disso, havia também a propaganda das companhias de colonização e de agentes de emigração, tanto do Brasil como de outros países. Essa propaganda se fazia em torno de concessão de terras do Novo Mundo com a afirmação de que todos seriam proprietários, sem qualquer referência às dificuldades que os futuros colonos teriam que enfrentar.*<sup>21</sup>

A realidade é que os imigrantes alemães, ao chegarem ao Brasil, perceberam que tinham que se adaptar a um ambiente hostil, já que a propaganda falsificara bastante as condições climáticas e geográficas existentes, mas a experiência que alguns traziam como agricultores, o alto nível cultural em várias áreas do conhecimento, a disciplina, a fidelidade à identidade étnica e a dedicação ao trabalho contribuíram, para que, ao longo dos anos, encontrassem soluções para os problemas.

Além disso, percebemos que alguns se dedicaram à pesquisa sobre o Brasil, registrando informações que contribuíram para as gerações futuras, como também para os imigrantes que chegavam ao Brasil. Outros registraram suas experiência sob forma literária.

O imigrante alemão entrava no Brasil na condição de colono, mas nem todos ficaram como agricultores. A verdade é que, com a crise na agricultura na Alemanha e com a Revolução Industrial, atingiu também artífices e artesões. De acordo com Giralda Seyferth:

*Tanto camponeses quanto artífices foram compelidos à emigração motivados pela possibilidade de se tornarem proprietários de terras no Novo Mundo e, ao mesmo tempo, fugir da proletarização.*<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> SEYFERTH, Giralda. *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Movimento, 1974. p.28. Anerbenrecht significa que a terra era herdada para o filho mais velho (ou mais no novo), a escolha ficava dependendo da política da região. Sendo o único herdeiro, ele não tinha a obrigação de dividi-las com os irmãos. Assim, estes se tornavam empregados de outros agricultores, ou mesmo do irmão. Quando não havia trabalho, eles passavam à condição de proletários sem qualificação na indústria alemã.

<sup>22</sup> SEYFERTH, Giralda. *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*. Porto Alegre: Movimento, 1974. p. 24.

Muitos exerceram atividades relacionadas com o artesanato, a política, o magistério, o jornalismo, a medicina, a religião e a pesquisa científica<sup>23</sup>. De acordo com Lausimar Laus:

*De todas as raças que emigraram para o Brasil-Império, foram, por certo, os alemães que mais marcaram a sua presença civilizadora. Nenhum contingente europeu trouxe igual conteúdo de sabedoria, porque seus grupos imigratórios eram compostos, muitos deles, de homens laureados por universidades alemães.*<sup>24</sup>

Infelizmente, os primeiros imigrantes alemães que resolveram constituir colônias na região do Nordeste fracassaram, como foi o caso da colônia Leopoldina formada por imigrantes alemães em 1818, na Bahia. Dessa forma, a partir de 1824, as correntes imigratórias alemãs foram buscando se estabelecer mais na região Sul, onde achavam ter condições mais favoráveis para o desenvolvimento da agricultura e da vida de família.

Algumas colônias de imigrantes alemães foram implantadas pela iniciativa privada e outras pela iniciativa governamental (Governo Imperial ou Provincial.) Representando as primeiras, podemos citar a de Blumenau (depois transformada em colônia oficial por solicitação do Dr. Herman Blumenau), a de D. Francisca e de Ibirama. As colônias de São Leopoldo, Três Forquilhas e Ijuí (Rio Grande do Sul) e Itajaí-Brusque (Santa Catarina) tiveram a iniciativa do Governo.

O governo, tentando fixar o imigrante alemão na região Sul, quando ali chegaram os primeiros imigrantes, lhe propiciava maior quantidade de terras, a fim de tornar possível a permanência naquele ambiente, bem como estimular a propaganda para que outros desejassem morar no Brasil.

---

<sup>23</sup> O naturalista Fritz Muller, mesmo morando em Blumenau, mantinha contato com pessoas ligadas ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Também trocava correspondências com Charles Darwin, onde comentava a fauna e a flora daquela região. Ele exercia o magistério e era colono. Fritz Muller era muito amigo do Dr. Hermann Blumenau, que, além de ser o fundador da colônia de Blumenau, também era um cientista renomado.

<sup>24</sup> LAUS, Lausimar. *A presença Cultural da Alemanha no Brasil*. Florianópolis: Lunardelli. p. 11.

Assim, num primeiro momento, a distribuição de terras e lotes com superfícies de até 75 hectares beneficiaram somente os imigrantes alemães que fundaram a Colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Em uma segunda fase, houve uma alteração da política de distribuição de terras, conforme descreve Giralda Seyferth:

*(...) em meados do século XIX, a concessão foi substituída por compra e os lotes foram reduzidos primeiro para 50 e depois para 25/30 hectares.<sup>25</sup>*

Para o imigrante alemão, muitas vezes a solução encontrada foi de adaptar-se, para depois voltar para a Alemanha, quando as condições melhorassem.

No início, a implantação das colônias apresentou grande dificuldade para aqueles que estavam chegando. Esses ficavam provisoriamente alojados em galpões, esperando a demarcação dos lotes. Ao seu redor, só se encontravam os ranchos da administração, um ancoradouro e a imensa floresta desenvolvida num relevo acidentado e com um clima úmido.

A fixação do imigrante em seus lotes seguiu uma distribuição racional da terra e da possibilidade de abastecimento de água, seguindo mais as condições do relevo, o que possibilitou um povoamento disperso. Os índios que habitavam essa região travaram vários conflitos com os imigrantes alemães, pois não queriam que esses invadissem as suas terras e eram conhecidos como bugres. Com o tempo, foram perdendo o domínio das terras e a própria vida. Com os ataques indígenas nas propriedades, foram recrutados os caçadores de bugres, os bugreiros, pessoas que tinham a missão de torná-los mais civilizados, mas o que ocorreu foi à morte de muitos índios.

É relevante falarmos que as sociedades de colonização visavam ao lucro. Seus representantes vendiam os lotes de terras em longo prazo, financiavam a passagem marítima,

---

<sup>25</sup> SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 22.

já que algumas tinham sociedade com companhias de navegação transatlântica da Alemanha, bem como favoreciam empréstimos que possibilitassem as condições necessárias para os imigrantes alemães se estabelecerem nos lotes. Conforme podemos observar, através de pesquisas realizada por Márcia Fagundes Barbosa:

*(...) a sociedade Colonizadora Hanseática resultou da fusão entre a Sociedade Colonizadora de Hamburgo com a maior companhia de navegação da Alemanha, a Norddeutsche Lloyd de Bremen e com a Südamerikanische Dampfschiffahrtsgesellschaft.* <sup>26</sup>

A facilidade que era promovida pelos representantes dessas sociedades em trazer o imigrante para o Brasil constituía também um benefício para o governo Imperial. Ele também tinha interesse que os imigrantes povoassem as áreas de florestas entre o planalto e o litoral do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, porque a presença deles nesses lugares, acompanhando os vales dos principais rios, abria maior possibilidade de via de acesso, facilitando a ocupação das terras e a comunicação.

No estudo realizado por Giralda Seyferth sobre A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim, ao citar Leo Waibel, tomamos conhecimento que o governo queria imigrantes alemães:

*(...) que cultivassem as terras de mata com auxílio das respectivas famílias e que não estivessem interessados nem no trabalho escravo, nem na criação de gado*<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> BARBOSA, Márcia Fagundes. *Vivendo além das fronteiras: o guarda-roupa alemão de Lausimar Laus*. Dissertação de Mestrado. UFSC, 2002. p. 20.

<sup>27</sup> SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*. Porto Alegre: Movimento. 1974. p. 31.

Isso fez com que as colônias se tornassem, durante várias décadas, homogêneas, isoladas, tornando difícil a assimilação de costumes, principalmente o uso da Língua Portuguesa. Só depois de 1870 foram aparecendo imigrantes de outras procedências, entre eles os italianos e a presença de brasileiros era uma minoria.

Também a permanência dos imigrantes longe de São Paulo diminuía a pressão que o governo estava sofrendo dos fazendeiros paulistas, que não gostavam da presença dos imigrantes estrangeiros e justificavam que a policultura prejudicaria a produção do café.

A imigração alemã no Rio Grande do Sul iniciou em 1824, com a fundação da Colônia de São Leopoldo, do Vale do Sino, mas teve que ser interrompida em decorrência da Revolução Farroupilha. No ano de 1850 foi reiniciada com a Colônia de Santa Cruz.

No ano de 1828, os primeiros alemães chegaram a Santa Catarina e fundaram a Colônia de São Pedro de Alcântara, que se localizava na estrada que levava a Lajes. Depois de duas décadas, iniciou com maior intensidade a vinda de imigrantes alemães sendo fundadas a Colônia Blumenau, no médio Itajaí-Açu (1850), a Colônia de D. Francisca, nas terras da Princesa D. Francisca, casada com o Príncipe de Joinville (1851), a de Itajaí-Brusque, no médio Itajaí-Mirim (1860) e a de Ibirama no alto Itajaí-Açu (1899).

É difícil estipular o número de imigrantes alemães que chegaram ao Brasil, pois as estatísticas regionais são incompletas. Alguns voltaram para a Alemanha, outros se estabeleceram, inclusive em outros estados do Brasil, onde o contato com brasileiros favoreceu a assimilação.

O que se constata é que, após a abolição da escravatura, a vinda de imigrantes aumentou, pois a necessidade de trabalhadores rurais, principalmente em São Paulo, fez com que fosse estimulada a vinda dos imigrantes, sendo o pagamento pelo trabalho realizado pouco valorizado, pois os proprietários queriam mão-de-obra barata, já que durante anos eram os escravos que haviam trabalhado.



O isolamento das colônias e a preservação da cultura alemã de forma tão fechada fizeram com que o governo percebesse o perigo do “equistamento étnico” que estava ocorrendo naquela região, pois na Europa o movimento do pan-germanismo se desenvolvia, o que acarretou mudança na legislação imigratória e na regulamentação das colônias. Dessa forma, é a partir de 1900 que outros imigrantes de nacionalidades diferentes vão vivendo também em terras do Sul do Brasil.

A vida dos imigrantes alemães e de seus descendentes teuto-brasileiros foi aos poucos mudando. Primeiro foi a vida na colônia, o tempo de construir. A terra era um dos bens mais importantes, e todos os membros da família colaboravam com o trabalho, pois era dali que tiravam o seu próprio sustento. Segundo Giralda Seyfert:

*O fracasso com plantações de cereais europeus, a presença da floresta virgem, a impossibilidade de utilizar o arado e as dificuldades de obter animais domésticos foram fatores importantes no que diz respeito aos processos de cultivo adotado pelos colonos, característicos da agricultura de derrubada-queimada – a coivara e as principais plantas cultivadas foram as que existiam na área: milho, mandioca, cana de açúcar, fumo etc.*<sup>28</sup>

Em segundo lugar, o que o imigrante queria obter para o seu consumo ou tinha para vender, fazia-o através dos vendeiros. Estes controlavam a produção dos colonos, favoreciam trocas e também administravam as economias, caso estes quisessem. Dessa forma, na visão de Giralda Seyferth:

---

<sup>28</sup> SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*. Porto Alegre: Movimento. 1974. p. 151.

*Os vendeiros eram as únicas pessoas na colônia que tinham condições de acumular capitais que não fossem restritos à pequena propriedade agrícola.*<sup>29</sup>

Os vendeiros, com uma situação financeira favorável, contribuíram para o desenvolvimento da indústria têxtil na região, no final do século XIX. A implantação das indústrias contou também com a participação, a partir de 1890, de imigrantes poloneses que chegaram àquela região. A indústria fez com que muitos colonos se dedicassem ao trabalho na fábrica; mesmo assim, nas horas vagas continuavam cultivando a terra.

O imigrante alemão trouxe consigo uma identidade étnica muito marcante e fez questão de preservá-la na comunidade onde vivia. No entanto, é relevante ressaltarmos que foi uma elite de intelectuais constituída por jornalistas, escritores, professores, padres católicos e pastores que nortearam os princípios ideológicos sobre o grupo na comunidade. A identidade étnica estava associada à idéia de germanidade, ou germanismo (*Deutschtum*). Para os imigrantes alemães, existia uma diferenciação entre nação e pátria, conforme podemos constatar através de pesquisa realizada por Giralda Seyferth:

*A nova pátria é a colônia, a nova cidadania brasileira, mas a etnia continua sendo alemã; o ato de emigrar significou o rompimento com o país de origem, mas não com o Volk (povo/etnia) alemão. O pertencimento sugerido por tal categoria remete, por um lado, a uma etnicidade supraterritorial – a nação alemã, concebida como entidade cultural e lingüística que une um povo de mesma origem – e, por outro lado à cidadania e a um território considerado como Heimat ou Vanterland- o estado brasileiro.*<sup>30</sup>

<sup>29</sup> SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*. Porto Alegre: Movimento. 1974. p.153.

<sup>30</sup> SEYFERTH, Giralda. *Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração e o estado brasileiro*. Caxambu, MG:ANPOCS,1993. p.109.

Com esse pensamento, o grupo étnico se estabeleceu nas colônias e, para a sua preservação, os membros da comunidade tinham que manter “o sangue”, evitando casamentos interétnicos, cultivando a língua e a cultura alemã.

A língua alemã na vida cotidiana foi um dos fatores mais importantes para a identificação étnica, pois só se falava alemão, seja no lar, nas escolas, na igreja, nos almanaques, nas sociedades recreativas culturais, etc. Segundo Giralda Seyferth:

*A perpetuação da língua alemã é, ao mesmo tempo, a razão e a finalidade da existência dessas instituições e dela depende a própria sobrevivência do grupo étnico. A língua proporciona o fundamento da própria ideologia étnica. As causas dessa importância atribuída à língua alemã estão no próprio desenvolvimento histórico do nacionalismo alemão deste Lutero. Em síntese, o povo alemão, sua cultura, seus costumes, são definidos pela língua alemã.<sup>31</sup>*

A partir da segunda guerra mundial, com a imposição do nacionalismo de Getúlio Vargas, foi obrigatório o uso da Língua Portuguesa. Assim, a assimilação dos imigrantes alemães com a cultura brasileira foi se estabelecendo gradativamente.

Não podemos deixar de esclarecer que, aos poucos, os imigrantes alemães, principalmente os seus filhos, viveram os conflitos entre duas culturas. Esse conflito foi chamado de “consciência dupla”, conforme informações obtidas através de Valburga Huber. Ela cita E. Willems, que o descreve da seguinte forma:

*A posição marginal do emigrante faz com que ele se mire, por assim dizer, em dois espelhos, os juízos coletivos dos dois grupos opostos lhe determinam as volições. As atitudes são hesitantes, indecisas, ambíguas, e freqüentemente contraditórias.<sup>32</sup>*

<sup>31</sup>SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p.214.

<sup>32</sup>HUBER, Valburga. *Saudade e esperança*. Blumenau: FURB, 1993. p.34.

Na realidade os teuto-brasileiros foram os que mais sofreram com o dualismo cultural. De um lado, eles receberam uma educação dentro da cultura alemã e eram obrigados a cultivá-la vivendo no Brasil, país onde nasceram. Com o tempo, alguns teuto-brasileiros foram assimilando os costumes e não deixaram de se sentir brasileiros. Do outro lado, os luso-brasileiros, que representavam uma minoria, não facilitavam o processo de assimilação, pois não gostavam da presença daqueles que usavam outros costumes, o idioma e que eram considerados como grandes trabalhadores.

Podemos dizer que a presença da industrialização, o nacionalismo, a urbanização e o convívio com brasileiros e imigrantes de outras nacionalidades favoreceram uma socialização maior do imigrante no Brasil. Recordando uma passagem de um dos Sermões do Padre Antônio Vieira citada, no *guarda-roupa alemão* temos:

*O primeiro remédio que dizíamos é o tempo, tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas, quanto mais a corações de cera.*<sup>33</sup>

O tempo passou, mas as marcas da identidade étnica ainda são vistas na cultura implantada pelos imigrantes alemães e seus descendentes no sul do Brasil. Com certeza, um passado que não deve ser esquecido e sim refletido.

---

<sup>33</sup> Laus, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989. p. 147.

### 3. A imigração e a identidade étnica nos romances.

A língua da pátria alemã  
Suas palavras tão doces e queridas,  
Nunca hão de emudecer  
Diante das vozes de línguas alheias!  
A canção que a mãe outrora  
Cantou junto ao nosso berço,  
Há de despertar sempre de novo  
O som dos sinos da pátria.<sup>34</sup>  
Maria Kahle.

Os romances *Tempo permitido*, *O Guarda-roupa alemão* e *Ofélia dos navios*, escritos por Lausimar Laus, ao abordarem a vida do imigrante alemão, trazem marcas através da ficção sobre a importância que o imigrante deu em preservar a identidade étnica desde o tempo da colônia.

Na leitura de cada romance está presente um pouco da ideologia nacionalista alemã, ressaltada através do *Deutschtum*, que se constituiu no uso da língua alemã, na conservação da cultura, e principalmente na valorização sanguínea como um fator que estabelece a nacionalidade acima do Estado e da cidadania.

Cabe também dizer que a divulgação dos valores étnicos se fortaleceu em consequência da transmissão de uma geração para outra, através da família, e do uso da língua alemã, que estava presente num conjunto de instituições comunitárias, formadas pela imprensa, escola, igreja, sociedades de cantores, grupos teatrais, sociedades de atiradores, associação de ginástica.

---

<sup>34</sup> Apud, STEIL, Marcelo. *Desvendar o tempo: a poesia em língua alemã produzida nas zonas de colonização em Santa Catarina*. Blumenau: HB, 2002. p.92.

Para uma melhor compreensão, analisaremos primeiramente a língua alemã, relacionando com alguns componentes da identidade étnica e depois abordaremos a família no próximo capítulo.

O estudo será relacionado com os romances *O guarda-roupa alemão*, *Tempo permitido* e *Ofélia dos navios*, a fim de elucidar como foi a vida dos imigrantes alemães. A ordem de análise dos romances se justifica em decorrência das informações que os mesmos trazem para o estudo.

### **3.1 A língua alemã como componente da identidade étnica.**

*O guarda-roupa alemão* é um dos romances escritos por Lausimar Laus, que trata com maior riqueza de detalhes a presença da identidade étnica em Blumenau, desde o período de colonização até o desenvolvimento industrial.

Sendo seu enredo estruturado, na maior parte da narrativa, sobre a vida de quatro gerações da família Ziegel, os fatos que ocorreram durante cem anos vão sendo narrados através de Homig pelo fluxo de consciência. O leitor vai conhecendo, na narrativa, desde quando os bisavós de Homig, Erwin e Ethel Ziegel se juntaram com outros colonos alemães e foram construindo uma comunidade dentro dos padrões alemães.

No início do romance é enfocado como foi difícil transformar uma região selvagem numa comunidade alemã. Para o imigrante alemão, foi preciso invadir a floresta para demarcar as terras, construir as casas, preparar o solo para o cultivo dos alimentos e o sustento da família, esticar o fio para o telégrafo e se proteger dos ataques dos índios que habitavam aquela região. Para isso foram criados “a Companhia de Pedrestes”, e os “Batedores do

mato”, conhecidos como “caçadores de bugres” ou “bugreiros”, que tinham como missão procurar manter os índios afastados, mas na realidade muitas vezes se tornaram matadores e muitos índios foram exterminados.

A presença do administrador da colônia servia para orientar os colonos, além de gerar respeito e confiança tanto para o desenvolvimento daquela colônia como na solução dos problemas familiares. Dessa forma, percebemos que o isolamento era total, o que fez com que a identidade étnica se fortalecesse. As dificuldades foram vencidas gradativamente e a superioridade do trabalho alemão foi cada vez mais enaltecida.

Verificamos que a presença da língua alemã, *Muttersprache*, durante muitos anos foi dominante. Ela representou o nacionalismo alemão, pois mais do que a raça é a forma de manter o sentimento do espírito alemão e o desenvolvimento da *Volksgemeinschaft*. De acordo com Giralda Seyfeth:

*A língua alemã se tornou a principal forma de diferenciação da “comunidade nacional alemã” fora da Alemanha, a forma mais concreta de identificação étnica. A raça com elemento de identificação ficou em plano secundário entre os Auslanddeutschen; a língua é a forma de mostrar a origem alemã.*<sup>35</sup>

Na narrativa, a dominação da língua está presente em vários acontecimentos. O primeiro deles se destaca na família, quando Klaus Ziegel casa-se com a adolescente índia Sacramento e a leva para casa. Vejamos:

*A chegada no “Campo de Flores”, tão prometido à pequena Sacramento pelo marido, ao qual ainda não se acostumara, fora um terremoto. Os velhos Ziegel. Seu Ervin Ziegel e Frau Ziegel quase*

---

<sup>35</sup> SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.p. 46.

*endoidaram. Frau Ziegel, então nem se fala. A “Mama” não compreendia o gesto do filho. Era uma alemã. Só compreendia noras alemães. Só falava o alemão e jamais falaria outra língua. Seu nacionalismo chegava ao absoluto.*<sup>36</sup>

O lar alemão é uma *Heimatt*, por isso, há o desejo de preservar a língua alemã dentro da família como também na comunidade.

A presença da adolescente Sacramento, no clã dos Ziegel, não era comum nas relações étnicas, pois não deveriam acontecer casamentos interétnicos. No entanto, Sacramento era uma índia com cultura francesa e só falava língua francesa, pois foi educada no colégio das freiras francesas que moravam em Nova Trento.

Ela perdeu seus pais ainda criança, que pertenciam à tribo *Nhambiquaras* e morreram em consequência dos conflitos estabelecidos pela posse de terra, no momento em que os imigrantes alemães puseram-se a conquistá-la.

Sacramento, recém-casada aos 12 anos de idade, era ainda uma criança e não foi sua opção ter Klaus como marido, mas era uma agregada no colégio francês, pois vivia dos favores das freiras. Vítima da expulsão dos índios de suas próprias terras, nada melhor do que a posição de esposa para conquistá-las; mas ela, na sua ingenuidade, não sabia o que era o casamento e não era ambiciosa como podemos verificar em personagens Machadianas como Capitu, Guiomar e Helena ou mesmo Hannelle personagem do romance *Ofélia dos navios*, que, como outras personagens da nossa literatura brasileira, usaram o casamento como forma de subir na sociedade. O casamento tinha sido aprovado “*Afinal, o Bispo foi ouvido, o Administrador da colônia e nada mais era preciso, porque os papéis de Herr Ziegel estavam todos em ordem.*”<sup>37</sup>

<sup>36</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989, p. 09.

<sup>37</sup> Idem, *Ibidem*. p. 07



Ethel Ziegel era preconceituosa e queria a pureza da raça na sua família, mas na decisão do filho, que sempre foi um admirador dos índios, ela não pôde interferir. Ethel Ziegel mandava Sacramento fazer os serviços e se dirigia a ela, comunicando-se através dos gestos. O marido, nos momentos de maior intimidade, falava um francês arrastado. Com dois anos de convivência, Sacramento já esquecera um pouco o seu francês, os belos versos de Victor Hugo, aprendera a amar Klaus e nesse processo passa com o tempo a gostar de Ethel Ziegel, admirando-a pela sua força de trabalho, a disciplina e a educação que esta impõe na família. Sacramento e Klaus fertilizam uma nova geração.

Ela não tem voz naquele espaço e, não podendo vencer a presença germânica, alia-se a todos da família e ensina sua língua materna, às escondidas, para o neto. Sendo uma integrante daquele lar, teria que cumprir as tarefas domésticas como todos; no entanto, a sogra a explora, tentando em várias ações excluí-la do conforto, privilégios e do contato com o filho.

Ao criar a personagem Sacramento, Lausimar Laus deixa um registro na literatura do confronto entre índios e imigrantes alemães, pois, pouco se encontra sobre isso em documentos abordando relações com o índio nessa região, no período da imigração alemã. Márcia Fagundes Barbosa, em sua dissertação, informa que, de acordo com Paulo Pinheiro Machado:

*(...) as mulheres índias jovens eram preservadas para servirem de esposas aos peões, pequenos sitiantes e tropeiros, assim como as crianças de colo, as quais eram criadas longe de suas mães.*<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> BARBOSA, Márcia Fagundes. Dissertação de Mestrado *Vivendo além das fronteiras: O guarda-roupa alemão de Lausimar Laus*. Florianópolis: UFSC, 2002. p.102.

Cabe salientar que muitas índias brasileiras foram usadas para atender as exigências sexuais dos homens que para cá vieram, pois não eram com as filhas de imigrantes que eles satisfaziam seus desejos mais profundos.

Observamos, num segundo momento, que, nas relações comerciais e sociais, a língua alemã prevalecia e se perpetuou durante muitos anos. No *Guarda-roupa alemão*, ao longo de sua narrativa, no contato social merecem atenção as relações dos alemães e seus descendentes com pessoas de diferentes nacionalidades.

Homig relembra fatos e surge em sua mente a cena quando a freira francesa, ao receber flores de Klaus, lhe agradece em alemão “*só para ser simpática*”<sup>39</sup> e o quanto “*Dona Olívia Montenegro era boa. Tão prestativa quanto a Grossmutter. Descendente de portugueses-açorianos, gostava dos alemães e sempre conseguia conversar com a Grossmutter de língua arrastada e difícil de compreender.*”<sup>40</sup> Já a professora Lula, que veio de Itajaí, uma brasileira descendente de caboclos, reclamava:

(...) Os brasileiros de Itajaí e das outras cidades do Estado, que vêm trabalhar aqui, acabam ingressando o alemão e que diabo é eles não chegam nunca a dar o braço a torcer de falar a língua da gente? É só iá iá, nicht, nein, nein. Que meleca é essa? Afinal, a gente está no Brasil, ou onde é que estamos? <sup>41</sup>

Através destes depoimentos, fica claro que o componente lingüístico alemão sempre predomina sobre todas as camadas sociais e culturais das colônias alemãs, mesmo com imigrantes de outras nacionalidades e brasileiros.

O domínio da língua alemã se destacou porque além de estar presente em tudo, está presente nas inscrições nos jardins, nos cumprimentos matinais, nos bordados que enfeitavam

<sup>39</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989. p. 07.

<sup>40</sup> Idem, ibidem. p.140

<sup>41</sup> Idem, ibidem. p.113

os alvos panos de pratos, entre outras coisas. Houve desde o período colonial um investimento com a educação dentro do idioma e da preservação dos costumes e tradições trazidas da Alemanha.

O ensino foi ministrado na escola em alemão, pois, vendo a necessidade de educar os filhos e a falta de interesse do governo, os imigrantes construíram as escolas e trouxeram professores para lecionar. Assim, boa parte da ideologia alemã acontece também na escola. Isso observamos não só no *Guarda-roupa alemão* como também em *Tempo permitido*:

*O governo não se importava de criar escolas. Os alemães não tinham dúvidas – mandavam buscar professores na Alemanha. As escolas foram frutificando.*<sup>42</sup>

É evidente que, sendo um povo culto, queriam o desenvolvimento da colônia e sabiam que a melhor forma de manter a identidade étnica e cultura era investir na educação. Também verificamos que em nenhum momento surge o desejo dos imigrantes aprenderem a língua portuguesa por iniciativa própria.

Em relação à escola, espaço onde se desenvolvia o conhecimento e o uso da língua, não podemos deixar de mencionar neste trabalho, através de informações obtidas no ensaio *A presença cultural da Alemanha no Brasil*<sup>43</sup>, a presença feminina de Apolônia von Buettner, a primeira professora da escola pública em Blumenau. Ela foi uma mulher que pertenceu à nobreza germânica e trazia no seu currículo uma educação esmerada e disciplinada.

Também no ano de 1910 se formou Maria dos Anjos Studart, a primeira professora pública do Vale do Itajaí que foi nomeada para exercer o Magistério em Blumenau. Ela realizou seus estudos na Escola Normal Catarinense de Florianópolis.

---

<sup>42</sup> LAUS, Lausimar. *Tempo permitido*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana. Brasília. INL, 1970. p.70.

<sup>43</sup> LAUS, Lausimar. *A presença cultural da Alemanha no Brasil*. Florianópolis: Lunardelli, sd

As escolas alemãs, em Blumenau, sempre inovaram na educação e foram a base do método de ensino da “Escola Nova no Brasil”. *A Neue-Schule* mudou de nome para Ginásio Estadual Pedro II, quando ocorreu o nacionalismo.

Em seus romances, provavelmente por influência materna, do trabalho desenvolvido por respeitados educadores e de sua própria experiência como professora, Lausimar Laus, na construção de seu texto, descreve arduamente os desafios que essa profissão exige e que, desde muitos, anos foi perdendo o seu valor, para algumas pessoas.

Em *Ofélia dos navios*, D<sup>a</sup> Garden, mãe de Hanelle, é a primeira professora da “Primeira Escola Mista da Barra do Rio”, em Itajaí, e desenvolve várias atividades. Sua filha Henelle almeja, no início do romance, ser professora, porque “*naquele tempo, nas cidades pequenas, era como bispo, ou como presidente da República*”<sup>44</sup>.

No entanto, já estudando na Escola Normal de Florianópolis, ao regressar para casa, ela desiste, justificando:

*Eu acho que queria ser professora, porque professora tinha valor. A foice agora anda aí, professor virou mendigo. A senhora ganha uma miséria, e, assim mesmo, com o ordenado sempre atrasado.*<sup>45</sup>

Já no *Guarda-roupa alemão*, a personagem Dora, a professora que ministrava aula de português para os filhos de alemães, se angustia pela dificuldade de ensinar o português e desabafava com sua Tia Maria Clara dizendo:

*- Pois é tia Maria Clara. Eu escolhi esse caminho porque quis. Gosto de ensinar. Mas a senhora já viu a gente pregar no deserto?*

<sup>44</sup> LAUS, Lausimar. *Ofélia dos navios*. Florianópolis: Lunardelli, 1983. p. 09.

<sup>45</sup> Idem, ibidem. p.107.

*- Pois é. A senhora veja o dia inteiro eu prego: crianças, vocês nasceram em Blumenau, não foi? Os pais de vocês também, não é? Só os avós de vocês vieram de uma pátria distante chamada Alemanha. Vocês são BRA-SI-LEI-ROS. (...)*  
*Dá pra entender, tia Maria Clara? Todos eles só dizem que são alemães... Eu me mato, fico de garganta inflamada, repito milhões de vezes, mas é sempre a mesma coisa. Assim foi no recrutamento.*<sup>46</sup>

Evidentemente, os teuto-brasileiros traziam consigo a idéia de que um alemão é sempre um alemão, mesmo tendo nascido no Brasil. Para eles a nacionalidade é herdada e não se mistura com cidadania. A nação é vista como um fenômeno ético-cultural independente de fronteiras estabelecidas. A nacionalidade é fundamentada pela ligação a um povo, sendo a cidadania o elo que liga o indivíduo a um Estado.

Os teuto-brasileiros são cidadãos brasileiros, dentro de uma situação político-econômica, porém cabe salientar que, na comunidade étnica, agem como alemães.

Além da escola, a igreja e a imprensa, foram instituições comunitárias que reforçaram, através do uso da língua alemã, a ideologia étnica. A imprensa publicava compêndios escolares, edições comemorativas dos clubes e associações, jornais, almanaques e revistas, sempre em língua alemã.

A comunicação escrita pela imprensa, em língua alemã, favoreceu durante muito tempo as informações para aqueles que ficavam muito isolados da comunidade. Segundo Giralda Seyferth:

*No Vale do Itajaí foram editados cinco jornais em língua alemã entre 1881 e 1941, com uma breve interrupção entre 1917 e 1919: Blumenauer Zeitung (1881-1938), Immigrant (1883-1891), Der Urwaldsbote (1898-1941), Brusquer Zeitung (1912-1917) e Rundschau (1919-1939). O Kolonie Zeitung tinha grande penetração na área, apesar de ser editado em Joinville. Tendo aparecido em 1862, é o jornal mais antigo de Santa Catarina em língua alemã, e até 1881 foi a*

---

<sup>46</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989. p.147.

*única fonte de divulgação de informações nas colônias alemãs daquele Estado.*<sup>47</sup>

O jornal que mais se destacou foi o de Joinville, *Kolonie Zeitung* - Jornal da Colônia. Ele foi fundado em 1862, sendo o 1º jornal editado em língua alemã em Santa Catarina, e suas atividades se encerraram oitenta anos depois, em decorrência da Campanha de Nacionalização.

*Kolonie Zeitung* mudou de nome entre novembro de 1917 e agosto de 1919, durante a primeira guerra mundial, sendo conhecido como “*Actualidade*”, e na segunda guerra mundial, a partir de 1942, circula definitivamente já em Língua Portuguesa com o nome “*Correio de Dona Francisca*”<sup>48</sup>. Através de leituras, foi possível conhecer um pouco mais sobre a realidade desse jornal e, de acordo com Janine Gomes da Silva, ao citar Elly Herkenhoff, acentua que:

*(...) os jornalistas, netos de imigrantes, já estavam enfrentando dificuldades para “conseguir o material necessário à impressão do jornal e a movimentação da Livraria Boehm, anexa a Tipografia”, pois a firma “Boehm & Cia” estava incluída na “lista negra” inglesa. A mencionada lista devia ser semelhante à “lista negra” elaborada pelo governo norte-americano, a partir de informações dos consulados, como a que incluía diversas empresas e pessoas físicas de Blumenau analisadas por Méri Frostcher.*<sup>49</sup>

<sup>47</sup> SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.p.49.

<sup>48</sup> HERKENHOFF, Elly. *Era uma vez um simples caminho... Fragmentos da história de Joinville*. Joinville: Fundação Cultural, 1987.p 45-59.

<sup>49</sup> SILVA, Janine da. *Tempo de lembrar tempo de esquecer...As vibrações do Centenário e o período de Nacionalização: Histórias e memórias sobre a cidade de Joinville*. 2004. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina.

Muitas pessoas foram consideradas suspeitas, tendo que se adaptar ao novo momento vigente.

No *Guarda-roupa alemão*, o *Kolonie Zeitung* é mencionado, descrevendo a enchente que ocorreu no dia 22 setembro de 1880, em Blumenau. O jornal registra para a população como foi a invasão das águas do rio Itajaí-Açu, o que muitos souberam na prática, sendo que outros nem sobreviveram para ver os prejuízos. Homig toma conhecimento da enchente através do recorte que sua vó Sacramento fazia questão de guardar para mostrar.

O destaque da enchente de 1880 é maior nos jornais do que a de 1911, porque foi a maior que aconteceu, ocorrendo uma destruição avassaladora na região. Segundo informações adquiridas, através de estudos de Edson d'Ávila, sobre Itajaí, consta que

*naqueles tristes dias a cidade era como uma minúscula Veneza e podia ser percorrido por canoas ou pequenas embarcações.<sup>50</sup>*

No artigo também tomamos conhecimento que, perante tanta destruição, o Imperador Dom Pedro II e a Imperatriz, sensibilizados com tanta destruição, doaram certa importância em dinheiro ao Presidente da Província, a fim de que tivessem condições para reconstruir novamente o que foi estragado na região. Nesse artigo, informa que a tragédia teve também um olhar do poeta simbolista Cruz e Souza, que ao criar a poesia “Saudação”, oferecida à sociedade Dramática Fraternal Beneficente, do Desterro, demonstra na lira o seu sentimento:

*Ontem, grande desgraça  
Que ao povo se abraça*

---

<sup>50</sup>D'ÁVILA, Edson. *Pequena história de Itajaí*. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí; Fundação Genésio Miranda Lins, 1982. p 45.

*D'Itajaí em geral!  
 Ontem, o cetro divino  
 Que, se tornando ferino,  
 Tudo esmaga afinal!*

Em *Tempo permitido*, são mencionados o *Die Zeitung*, *Die Welter*, *Die Neuheit*, que eram redigidos em alemão.

Os jornais foram de suma importância, pois reforçavam a preservação da *Deutschtum*, que na escrita de seus textos, trazia a mensagem reafirmando que eram etnicamente alemães e cidadãos brasileiros.

Através desses jornais, os teuto-brasileiros ficavam a par dos acontecimentos locais, regionais, nacionais, internacionais, tendo maior destaque notícias sobre a Alemanha. Também em suas páginas eles conheciam mais sobre a agricultura, religião, medicina e tinham o prazer de ler alguns contos e romances, os quais eram publicados em capítulos, constituindo nos lares alemães, a distração durante longos meses, até chegar o desfecho da narrativa. Sobre esta literatura produzida em língua alemã nessas colônias de Santa Catarina encontramos exaustivo levantamento no livro de Valburga Huber *Saudade e esperança*.

Os almanaques foram lidos em todas as classes sociais, representando uma literatura em que os escritores expressavam, em alemão, o seu sentimento nacional, principalmente através da poesia, onde, nas entrelinhas, se visualiza o dualismo dos teuto-brasileiros quanto à identidade étnica. Os autores procuram honrar a pátria brasileira na língua alemã e o argumento por eles defendido é que um poeta precisa cantar o que está vendo.

Convém igualmente lembrar que essa poesia tem sido recuperada através do trabalho árduo de pesquisadores. A antologia *Desvendar o tempo*. A poesia resgatada por Marcelo Steil constitui um resgate literário, porque retrata o sentimento expresso, naquele momento, pelo poetas alemães. Segundo Lauro Junkes:



*Desvendar o tempo constitui uma antologia criteriosamente selecionada, após esmerado contato com a expressão poética em língua alemã entre as gerações teuto-brasileiras, focalizando exatamente o sentimento telúrico-patriótico, a relevância da terra, do solo e do sangue dessa mãe-nutris que acolhe e alimenta seus filhos.*<sup>51</sup>

Verificamos, nos capítulos finais do romance *O guarda-roupa alemão*, que a língua alemã vai perdendo seu espaço com a presença da Campanha de Nacionalização de Getúlio Vargas, em 1937. Era desejo deste presidente construir uma nação mais homogênea, onde as diferenças regionais não predominassem, para isso determina o cumprimento de leis nacionalizadoras. Entre elas, existe o Decreto-lei federal n. 383 de 18/04/1938, que, entre outras providências, “vedava aos estrangeiros atividades políticas no Brasil.”<sup>52</sup> O Presidente estava com medo da infiltração nazista no Sul do Brasil. O Interventor Nereu Ramos, em parceria com o governo federal, emite diversos decretos confirmando a importância da nacionalização no Estado. O Decreto-lei estadual n. 88, de 31/03/1938, *torna obrigatório o uso da língua portuguesa nas escolas*.<sup>53</sup>

A imposição, de forma drástica e autoritária, da língua portuguesa causou o medo, e muitos imigrantes alemães e seus descendentes sofreram injustamente com essa ameaça de poder. Essa postura nos leva a recordar as palavras de Roland Barthes, quando diz que:

*A linguagem é uma legislação, a língua é seu código. Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva...*<sup>54</sup>

<sup>51</sup> JUNKES, Lauro. In STEIL, Marcelo. *Desvendar o tempo: a poesia em língua alemã produzida nas zonas de colonização em Santa Catarina*. Blumenau: HB, 2002. p.148.

<sup>52</sup> Decreto-lei n. 383, de 18/04/1938.LEX. *Coleção de Legislação. Legislação Federal e Marginalia*. São Paulo: LEX, ano II, 1938. p.119-121.BU.

<sup>53</sup> Decreto-lei n. 88, de 31/03/1938. *Coleção de Decretos-leis de 1938*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1938.

<sup>54</sup> BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. 6. ed. São Paulo: Cultrix, s/d. p.12.

A imposição por lei e a ação repressora foi para os teuto-brasileiros um ato insuportável, pois a língua alemã favorecia as ligações afetivas e amenizava a saudade da Alemanha, que muitos não conheceram, mas aprenderam a amar em virtude da cultura preservada pelos seus antepassados. A maior forma de dominação sobre um povo é o extermínio de sua língua e a imposição do português foi uma ação decisiva para isso.

As escolas particulares foram fechadas, os jornais e as sociedades de cultura e recreação tiveram que mudar de nomes. O comércio com outras cidades diminuiu. Em todos os lugares, todos tinham que falar português, o que ocasionou situações constrangedoras, como na missa em que, no romance *o Guarda-roupa alemão*, o padre se esforçava para falar português, mas pronunciava algumas palavras incorretamente:

- *Non descolparr Nossa Senhourra. Veir parra missa está um oprrigazon. (A voz esticada, arrastada): Non descolparr que os creancinhes exton lá chorranda... quanda pai fai,cuda mãe. Quando mãe fai, cuda pai.*<sup>55</sup>

Constatamos que, às vezes, com um humor na linguagem, o discurso no *Guarda-roupa alemão* vai se construindo e revelando, em cenas, como acima mencionamos, que a imposição da língua trouxe conseqüências drásticas e humilhantes sobre as pessoas que ali viviam. Na realidade todo um quadro político causava tensões em Blumenau, desde 1889, quando começara a consolidação do regime republicano, prolongado até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A situação piora exatamente com a Campanha nacionalista de Getúlio Vargas, a ascensão do nazismo e a deflagração da Segunda Guerra (1939).

Os militares e luso-brasileiros foram violentos com os teuto-brasileiros, porque não sabiam falar a língua portuguesa e alguns eram confundidos como simpatizantes nazistas. As

---

<sup>55</sup> LAUS, Lausimar. *O Guarda-roupa alemão*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989, p. 91.

casas eram destruídas, assim como muitos dos pertences pessoais que guardavam uma história de vida. Em *a Nação e o paraíso*, João Hernesto Weber, ao citar W.Benjamin, coloca:

*É do passado que emergem os traços do que poderia ter sido e a virtualidade do que poderá vir a ser.*<sup>56</sup>

Os objetos destruídos e as humilhações não deixaram de despertar, ao longo dos anos, a ação tão severa que o governo brasileiro queria conter em virtude do “perigo” que poderia acontecer no Brasil. Foi com uma atitude violenta que se combatiam os teuto-brasileiros, que eram espancados e presos. Ao longo desses anos, ainda são lembrados e estudados, a fim de que sejam refletidos e mostrem a verdade dos fatos. O escritor Silveira Junior publicou em 1988 uma narrativa intitulada *Nossa guerra contra a Alemanha* (Florianópolis, Lunardelli), tendo por subtítulo – “Crônica de um tempo de arbítrio”, na qual narra muitos episódios que revelam atitudes arbitrárias, sobretudo das autoridades policiais, em relação aos colonos descendentes de alemães (e também de italianos) que não falavam a língua portuguesa, durante o período da segunda guerra. Na página introdutória, ressalta o autor (que não trazia sangue alemão nas veias) que:

*“Santa Catarina deve grande parte do seu progresso à colonização alemã. Por isso nem parece que houve um tempo na nossa história em que essa gente que já estava diluída na terceira e quarta geração fosse acusada de traidora do Brasil, apenas por que tinham sobrenomes como Muller, Schoeder, Schneider ou Zimmermann. Eles nasceram no Brasil e não tinham culpa de trazerem esses sobrenomes ancestrais. Mas o nosso xenofobismo não os poupou....”*

---

<sup>56</sup>WEBER, João Hernesto. *A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira*. Florianópolis: UFSC. 1997. p. 204.

Sendo suspeito de dificultar a nacionalização, o teuto-brasileiro era visto como um “alemão traidor”, sendo chamado de “nazista” ou “quinta coluna”. Giralda Seyferth reafirma que os teuto-brasileiros não concordavam em ser chamados somente de “alemães”, porém a nacionalização colocou todos no mesmo nível, estigmatizando-os como estrangeiro, traidor, antibrasileiro, cidadão de segunda classe, “alemão batata”, “alemão de merda”, “boche” que menospreza sua pátria.<sup>57</sup>

Em *O guarda-roupa alemão*, a personagem Frau Kunn, uma senhora que comercializava seus produtos na sua carroça em Itajaí, é vítima desse preconceito. Mãe de quatro filhos tinha dois servindo no Exército Brasileiro, porque nasceram em Blumenau, e os outros dois estudavam engenharia na Alemanha. Ela e o marido viviam do comércio e eram pessoas que se dedicavam ao trabalho na sua granja e não tinham envolvimento político. Numa certa manhã, ela perde seus bens materiais, sendo humilhada por alguns adolescentes brasileiros:

*Alema cu de broa, escorrega na lagoa” Fala brasileiro aí diabo.  
Me dá essa sacola de dinheiro que eu quero jogar no Mato.*<sup>58</sup>

Essa atitude demonstrava um preconceito social, pois o desenvolvimento do Sul do Brasil teve a participação do imigrante alemão e do teuto-brasileiro, juntamente com os brasileiros e pessoas de outras nacionalidades.

Nas recordações de Homig, está presente a dedicação de muitos imigrantes teuto-brasileiros em defesa do Brasil, quando muitos jovens estiveram ao lado dos brasileiros na Guerra do Paraguai e na revolta de 1893, ocasionada pelo desejo de retirar do poder o

---

<sup>57</sup> SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.p.190.

<sup>58</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed Florianópolis: Lunardelli.1989, .p.156.

Marechal Deodoro da Fonseca, que ocupava o cargo de primeiro presidente provisório da nação.

*Kleid, tu te lembrás... Homig suspira fundo. Agarra o braço esquerdo com a mão direita, aperta o pulso. Olha a veia pulando. Lembra-se de sua avó Sacramento e da Grossmutter contando o que foi a Guerra do Paraguai. Seu avô Ziegel e os outros alemães da Colônia marcharam com os brasileiros para guerrear pelo Brasil. As mulheres alemães bordaram uma bandeira, à moda daquela que faz parte da guerra contra o despotismo e pela democracia na Baviera, para ir na frente do grupo. Isso está na história, não é Kleid? E a revolta de 93? A alemoada tomou posição ombro a ombro ao lado dos brasileiros “pica-paus” ou “maragatos.” Eles desceram do Rio Grande do Sul e seguiram pelo Estado de Santa Catarina adentro. Os legalistas vieram no navio de guerra, o Aquidabã, entraram na barra de Itajaí, matando gente como bicho. O prático, da barra, o Agostinho, foi morto no Poço Grande, lá no Spengler, pelos “maragatos” ou “pica-paus”, por ter dado cobertura do navio. Sem o prático nunca entraria ali qualquer pacote de grande calado.<sup>59</sup>*

Em *O guarda-roupa alemão*, o hoteleiro Werther Weber, que teve seu hotel invadido pelo oficial a paisano e seus soldados, ao constatarem estes que o hoteleiro usava a língua alemã –*Aba, ich exprecht nicht brasillianis. (mas , eu não falo brasileiro)*<sup>60</sup> e que o escravo Bube que trabalhava para a família de imigrantes Dietemanne só falava alemão “... mais de trinta militares, fizeram o negro comer areia e mata-pasto, deram-lhe uma tunda.”<sup>61</sup> e cometeram ação vil contra a família Stuck: “A sogra de Érika Stuck, uma velha de 90 anos, que há muito não saía da cama, lá em cima, no segundo andar, era arrastada para fora, como um animal ferido.”<sup>62</sup>

Essas são algumas vítimas da punição que ocorria no ambiente privado ora em público, não respeitando idade e condição física, nem tentando compreender as razões que levaram as pessoas a agirem assim.

<sup>59</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed Florianópolis: Lunardelli.1989, p.159

<sup>60</sup> Idem, ibidem. p. 95

<sup>61</sup> Idem, ibidem. p. 110

<sup>62</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed Florianópolis: Lunardelli.1989, p.163.

A ação dos militares, no romance, tenta ser reprimida com a voz do juiz de Direito em favor dos teuto-brasileiros, no entanto este acaba sendo preso, mesmo argumentando:

*Essa gente não tinha escola nem professores de língua nacional, um dos padres chegou a ter um derrame cerebral de estudar dia e noite o português, eu creio, em nome do bom senso, que com o próprio batalhão aqui sediado, já é um bom senso, para incrementar a língua nacional. E depois a primeira coisa deve ser abrir escolas e esperar o tempo e não fazer uma gente, que só sabe o alemão falar português do dia para noite.*<sup>63</sup>

Enquanto alguns condenavam a postura ameaçadora de Getúlio Vargas, em *O guarda-roupa alemão* existem depoimentos favoráveis à sua conduta, o que verificamos numa conversa de Dona Maria Clara e sua filha Dora:

*Meu Deus, mas o que é que tem essa guria? Será que tu estás doida, Dora? Gritando essas babuzeiras que os soldados de Getúlio, de lenço vermelho no pescoço, andam espalhando por aí, aos berros? Vê se te cuida, que ainda te meto uns bons tapas. M'admiras tu. Toma o exemplo de teu pai, embusteira. Deixa de embusteirices. Direitinho como o pai, que vivia sonhando com Getúlio e com a "Aliança Liberal Libertadora", até que morreu esperando pelo Brasil redimido. Politiquice nunca deu camisa a ninguém. Eu bem que avisava a ele. Não me ouviu... Estava tão bem na usina, vivia falandon de Getúlio, Getúlio pra lá, Getúlio pra cá, no trabalho, na rua, na venda do Chico, até que seu Nilo, que era Washington Luís até debaixo d'água botou ele no olho da rua. E nós?*<sup>64</sup>

O personagem Nataniel, de *Tempo permitido*, já acreditava na força política de Getúlio Vargas, mesmo antes de ele assumir a presidência e dizia:

<sup>63</sup> Idem. Ibidem. p. 96.

<sup>64</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed Florianópolis: Lunardelli. 1989, p. 114.

*Getúlio para ele era um deus. Getúlio, para ele, ia, de uma vez por todas, salvar o Brasil “da safadeza dos políticos, da roubalheira, do coronelismo vadio e corno manso, da corrupção em geral”. Com Getúlio Vargas, dizia, o Brasil vai amanhecer de verdade.*<sup>65</sup>

É evidente que Getúlio Vargas teve seu papel na história política desse país. O que destoa aqui é a maneira como foi imposta a língua alemã.

O que ocorreu, na verdade, é que, com todas as ameaças, alguns teuto-brasileiros conseguiram falar o dialeto da Pomerânia e os brasileiros achavam que era a língua inglesa e não a língua alemã. Mas prevaleceu a lei do silêncio.

Os luso-brasileiros tiveram uma participação nesse momento histórico. Alguns contribuíram como agentes na violência praticada contra os teuto-brasileiros, sendo delatores. Eles não foram meros figurantes, pois muitos foram antagonistas, na vida real, dos teuto-brasileiros e não tiveram o discernimento de compreender e avaliar quem realmente estava contra o nacionalismo, ou perceber a dificuldade, principalmente para os mais velhos, em aprender ou recordar a língua portuguesa. Em *O guarda-roupa alemão*, Frau Kunn ia se esforçando para falar corretamente:

*Frau Kunn ia falando sozinha, num tom baixo e triste, misturado ao alegre, como uma ginástica, para não deixar de pensar em português. Ela e suas amigas, é verdade, tinham sido alunas da escola da moça brasileira, Lula que veio de Itajaí inaugurar a primeira escola pública nacional onde só se aprendia o português, tudo em português mesmo. Por isso que desde 1925 ela já arranhava um pouco com a língua que achava a mais difícil do mundo. Muitas moças acabavam desistindo da escola e nem sequer aprenderam a formar palavras. Mas ela, que era filha de cientista, aprendera desde cedo a teimosia de bater na tecla do que era difícil. Bem que se lembrava, agora, naquela linda manhã das palavras do seu pai, contando o que dissera um filólogo: “A porrtugues serr o língua da diabo fallande com seu sogrra.”*<sup>66</sup>

<sup>65</sup> LAUS, Lausimar. *Tempo permitido*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana. Brasília. INL, 1970. p. 100.

<sup>66</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3.ed. Florianópolis: Lunardelli. 1989. p. 111.

No romance, aparecem simpatizantes ao movimento nazista. Homig confirma, num diálogo com o hoteleiro Werther:

*Deixa o Hitler pra lá, a sua velha Alemanha, tia Erna e tudo quanto é maluco que anda por aí. A propósito, por que é que o senhor não raspa esse bigodinho ridículo? (...) Isso nunca. Isso ele ia guardar com fidelidade ao grande chefe alemão.*<sup>67</sup>

A tia de Homig conseguira regressar à Alemanha e não foi presa, mas durante muito tempo fizera campanha política. Segundo Homig:

*Tia Herna era a maior entusiasta da “Nova ordem”. Chegou a vender os terrenos que tinha lá para os lados de Ibirama, e se mandou para Munique. Os dois filhos já estavam lá, fazendo parte da Juventude Nacional Socialista e ela não falava senão de seus dois pequenos grandes heróis nacionais. Um ano depois, ela voltou e ia de casa em casa de amigos, onde fazia aquelas suas cacetes preleções.*<sup>68</sup>

O hoteleiro foi preso e sofreu as punições em praça pública, para que servisse de exemplo para quem agisse da mesma forma.

*Como numa procissão, vinha na frente o seu Werther um saco de areia pendurado no pescoço, com a cara do Hitler desenhada em cima. Na praça, já armado um coreto, à espera de seu Werther, que fizeram andar da praça até a Empresa Garcia, por Ibirama, abaixo de toque de música. Quando de volta à praça, o velho Werther, mais morto do que vivo, foi sentado numa cadeira de barbeiro, posta anteriormente no coreto e obrigado a beber óleo de carro. Dois tipos estranhos, com*

---

<sup>67</sup> Idem, ibidem. p.168

<sup>68</sup> Idem, ibidem.p.150



*chapéu de lajeano, culote e perneiras, cada um com seu alicate grande, iam depilando o bigodinho à moda de Hitler. Foi um Deus nos acuda.*<sup>69</sup>

Existiu também a denúncia de infiltrações que ocorriam através de escolas clandestinas e as informações eram que “*Hitler queria fazer das colônias alemãs do sul do Brasil, uma Alemanha Antártica.*”<sup>70</sup> A intervenção de Getúlio Vargas busca preservar o país, pois, ao implantar o Estado Novo, segundo ele:

*tem como programa reconstruir os quadros da vida nacional, e, para isso, faz-se necessário, imprescindível, imperioso mesmo, criar uma mentalidade renovadora....*<sup>71</sup>

Assim sendo, por o Estado de Santa Catarina ter muita influência germânica, foi preciso impor a língua portuguesa para conter “o perigo” que ameaçava o Brasil.

O que observamos, em relação à língua, é que a intolerância do governo brasileiro em relação à cultura alemã, de forma radical e violenta, não foi um fator decisivo que tenha favorecido a assimilação alemã dos hábitos brasileiros e o uso da língua portuguesa. A transformação da cidade, com a presença das indústrias, quando *O homem aprende a linguagem da máquina*<sup>72</sup>, gerou um maior contato entre as pessoas, ocasionando um aumento dos casamentos interétnicos, ou mesmo amizade no grupo de operários. As mudanças vão sendo ocasionadas gradativamente, fazendo parte de outros critérios de domínio público, mas tendo a permanência de alguns no âmbito familiar.

<sup>69</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed Florianópolis: Lunardelli. 1989, .p. 171.

<sup>70</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli. 1989, .p. 159.

<sup>71</sup> CARONE, Edgard. *O Estado Novo* (1937-1945). Rio de Janeiro: Difel, 1976 .p.166.

<sup>72</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed Florianópolis: Lunardelli. 1989 .p.04

A presença do imigrante alemão e dos teuto-brasileiros, no romance *Tempo permitido*, justifica análise de algumas cenas.

É também, através das recordações conflitantes da infância e adolescência de Celina, no convívio familiar, que se reafirma a presença marcante das tensões e desafios que seus avós maternos, sua mãe e outros imigrantes tiveram que enfrentar para preservar a identidade étnica.

Celina vivera num ambiente familiar conflituoso. A avó Maria Alemoa e seu segundo marido Hans eram a favor das idéias nazistas e cultivaram os hinos e a literatura sobre o movimento. Nunca aprendera o português. Hans viajara para Alemanha “*cumprir seu dever de cidadão alemão, no teatro de operações, logo que rebentou a guerra.*”<sup>73</sup> No entanto, seu filho Otto, sabendo do perigo que Hitler causava, confidenciava à irmã:

*Eu não digo nada ao pai, mas vou ser contra, ainda que o pai esteja trabalhando pra guerra. Eu sou é brasileiro e ta acabado. Respeito os alemães pelo seu trabalho. Respeito o pai, a mãe e os amigos deles, mas sei que na hora de chamar Santa Catarina de “pequena Alemanha” a gente tem de reagir no duro.*<sup>74</sup>

O discurso de Otto dentro da narrativa tenta mostrar que ele se sentia um “Deutschbrasilianertum”. Passados tantos anos desde o período da colonização, é óbvio que existe uma maior assimilação dos valores brasileiros, o que causou uma dualidade a muitos teuto-brasileiros, que achavam que poderiam manter a sua identidade étnica de forma que não “*afetasse suas relações patrióticas com o Brasil, e muito menos seus deveres como cidadão brasileiro.*”<sup>75</sup> Dentro dos romances de Lausimar, percebemos que ela tenta uma aproximação

<sup>73</sup> LAUS, Lausimar. *Tempo permitido*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana. Brasília. INL, 1970. p.24.

<sup>74</sup> Idem, ibidem. p. 72.

<sup>75</sup> SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação catarinense de cultura, 1981. p.49.

dos filhos com a pátria brasileira, eles são os alvos que argumentam contra as atitudes tão fechadas dos pais dentro do lar.

As ações tão disciplinadoras dos avós de Celina fizeram com que, por ironia do destino, Edla fugisse aos 15 anos para casar com o lajeano Nataniel, que idolatrava Getúlio Vargas, o defensor do nacionalismo. Com idéias divergentes, as brigas eram constantes, já que todos viviam no mesmo lar.

Nataniel dizia que “*Lugar de alemão é no inferno*”.<sup>76</sup> Ele lutava para impor os costumes brasileiros naquela casa. Quando nasceram os filhos, ele escolhera nomes bem brasileiros, desapontando a mulher alemã. De acordo com Giralda Seyfeth, entre os mandamentos que refletiam a identidade teuto-brasileira que foi divulgada no jornal *Neue Deutsche Zeitung* estava: “*Teu nome pessoal é tua bandeira pessoal.*”<sup>77</sup> Também Nataniel não permitia o uso da língua alemã e ameaçava:

- *Aqui é casa de brasileiro, Edla! Ou fala brasileiro, ou eu acabo te matando. Se eu chegar em casa e encontrar uma dessas gurias falando essa língua de trapo, de boche, estrangulo vocês todas, até a língua saltar no chão. Quero vê depois quem têm a coragem de ajuntar. Tu sabe que sou lajeano dos bons. Quem canta aqui é o galo. Tais ouvindo alemoa? Chega de boche aqui em casa.*<sup>78</sup>

Cansada dos atos ofensivos do marido e principalmente, por ter sido ele o responsável pela morte de sua mãe que, aprendera um pouco o português, em virtude da imposição do genro. Edla, muito adoentada, achando-se também próxima da morte, luta pelas suas convicções e protege seu lar:

---

<sup>76</sup> LAUS, Lausimar. *Tempo permitido*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana. Brasília. INL, 1970. p.42.

<sup>77</sup> SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 104

<sup>78</sup> LAUS, Lausimar. *Tempo permitido*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana. Brasília. INL, 1970. p. 24

*Hoje é o dia da redenção. Vai te daqui ou me vou para sempre. Os alemães trabalharam. Os alemães sofreram fora de seu país de origem. Os alemães te deram comida, casa e roupa lavada até hoje. Não era com o emprego porcária, que Getúlio te deu, que te sustentava, infeliz(...) – Não tenho mais lágrimas que desçam. Foram todas pra dentro. Sinto que arrebento. Perdoem meus filhos. Perdoem todos. Não queria dizer assim. Mas com a mãe agora morta é outra coisa. Ele não fica aqui mais. Hoje é o dia da redenção. A casa é de alemão. Feita por alemão. Mantida com o dinheiro dos defuntos alemães. Prezo muito a alegria em que vivi menina na casa deles. Minha mãe morreu. Era velha, sim, mas, se não fosse ele, estaria aqui comigo ainda.*<sup>79</sup>

Sendo o primeiro romance de Lausimar Laus, ela apenas dá indícios, na narrativa, que o Sul do Brasil estava ameaçado com a infiltração das idéias nazistas. Nataniel, nesse cenário, representa o brasileiro defensor de sua pátria, que a protege dentro e fora do lar. Está sempre em oposição àqueles que idolatram a Alemanha, ou seja, os avós de Celina. Também quando existe a possibilidade de Getúlio Vargas visitar aquelas terras, há uma evasão dos teuto-brasileiros para outros lugares, com medo de represálias. A presença de Getúlio Vargas impõe autoridade e medo, o que conteve as idéias nazistas, que muitos queriam proliferar no Brasil.

Em *Ofélia dos navios*, seu último romance a língua alemã ainda aparece em alguns lares em Itajaí, onde já existem casamentos interétnicos e o progresso das indústrias foi mudando o cenário da cidade.

O desejo de que todos falem alemão no lar já não é alcançado pelos pais de alguns teuto-brasileiros. Seu Günther, pai de Hannele falava “naquele brasileiro aleijado”<sup>80</sup>, como também em alemão, o que já era para filha um grande esforço “*Já não bastava a escola que*

<sup>79</sup> LAUS, Lausimar. *Tempo permitido*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana. Brasília. INL, 1970. p.42.

<sup>80</sup> LAUS, Lausimar. *Ofélia dos navios*. Florianópolis: Lunardelli, 1983, p. 08.

*se tinha de estudar a gramática alemã”.*<sup>81</sup> A filha constatava que a realidade dos textos escritos em alemão não se adequava com a realidade pela qual viviam, pois a situação era modesta.

O romance mostra, na ficção, que a cidade estava se modificando e isto ocorreu com maior destaque depois da segunda guerra mundial. O cinema mudo era a atração, existia uma maior quantidade de navios de outros países no porto; em vez dos almanaques, surge o pasquim, satirizando a vida das pessoas. O circo alegrava as crianças, sendo também uma atração, e as serrarias ocupavam seu espaço, onde também a força industrial foi se desenvolvendo.

O jornal era escrito em português e segundo Hanelle:

*O jornal da cidade gostava de ler, mas era aquele jornal formal, dando notícias de que já se sabia demais, pois antes de o jornal sair, todos comentavam as notícias. Era um jornal bem comportado, que publicava os versos da Sofia Albuquerque de Abreu e da Valtrudes Secudino Ferreira, com os nomes garrafais, poesias de sabiás, de curiós, de curreca, de ninhos e de cobras comendo ovos dos passarinhos.*<sup>82</sup>

A formalidade do jornal representa o medo da censura que anteriormente existiu quando foi imposto o nacionalismo. A poesia descreve apenas a natureza e os animais que viviam naquele lugar. Não existe mais a presença da ideologia germânica nos jornais. A poesia é representada por mulheres como se os homens tivessem silenciado seu lado poético.

O pasquim, o texto anônimo mostra a necessidade de se falar, criticar, informar num ambiente onde a censura existia. Ele agradava principalmente a geração mais jovem que era

---

<sup>81</sup> LAUS, Lausimar. *Ofélia dos navios*. Florianópolis: Lunardelli, 1983, p. 08.

<sup>82</sup> LAUS, Lausimar. *Ofélia dos navios*. Florianópolis: Lunardelli, 1983, p.25.

questionadora e ia quebrando regras. As palavras no texto, segundo Hanelle “*diziam tudo o que a gente queria ouvir*”.<sup>83</sup>

Assim, percebemos que as pessoas estavam socialmente se integrando. Teuto-brasileiros, brasileiros, açorianos, italianos, japoneses, argentinos, os negros do Quilombo estão vivendo em harmonia e solidariedade e enfrentando as dificuldades, principalmente no período da segunda guerra mundial, que atingia a todos. Lausimar Laus mostra mais uma vez no seu texto, a possibilidade de que as diferenças étnicas e os preconceitos serem amenizados.

A proibição da língua alemã foi registrada em poucos desdobramentos; um deles ocorreu no período da segunda guerra mundial, quando o Sr. Knorpk teve que suspender as aulas de alemão, pois “*falar alemão naquela época era quase suicídio*”.<sup>84</sup> No entanto, era nos livros, que o bisavô escrevera em alemão que Fefé aprendera sobre a natureza. Os imigrantes alemães tiveram uma atenção em fazer registros sobre a flora e a fauna brasileiras, sendo verdadeiros cientistas.

Apesar de já haver mais escolas brasileiras, no entanto era Florianópolis que ampliava o universo para as moças e rapazes que desejavam seguir a profissão do Magistério. Como não havia universidades, era a Escola Normal o que tinha de melhor.

A imposição da língua portuguesa foi conquistada, principalmente através do comércio, que ora se destacava com o trabalho das serrarias e ora pela presença de vários barcos no porto com marinheiros e comerciantes. A população é diversificada e os teuto-brasileiros falam a língua portuguesa, revelando, assim, que os tempos são outros e que esses já estão familiarizados mais com os costumes brasileiros.

Assim, a língua alemã, em cada narrativa, sofreu mudanças, o que acarretou um distanciamento do *Deutschtum*, porque o seu processo social faz parte de uma evolução. Os contatos com outras pessoas e os conflitos estabelecidos geraram um processo de assimilação

---

<sup>83</sup> Idem, ibidem.p. 25.

<sup>84</sup> Idem, ibidem.p. 64.

da língua portuguesa, que veio também em decorrência do progresso da cidade, que com o tempo impôs outros hábitos na vida dos personagens. A língua alemã foi perdendo seu contato maior exatamente pelo contato comercial entre as pessoas.

Cabe aqui registrar o delicado trabalho de Lausimar Laus em registrar a forma de falar de cada personagem, de acordo com o seu nível cultural, ou mesmo, no caso dos alemães em tentar falar o português.

Em *Ofélia dos navios* ocorre um belo diálogo entre Dona Juventina e o experiente pescador Deolindo narrando um episódio:

*- Pois é dona, os argentinos são muito crente, né. Bobiça deles! Pensam que pescá lagosta é brincadeira de guri, sabe? Otor dia aquele um, do hotel, todo vestido de príncipe, ficô doido quando viu os balaio de lagosta que a gente trouxe. Foi logo dizendo: Eu quero i. Nós fumo expricando logo como era tudo. Pra i pro mar era às quatro hora da manhã. Era duro, pra gente da alta! Pobre não, que pobre tá acostumado, num drome, num come, e tá sempre alerta. Ainda mais os véios pescadô. Mas ele pegou a dizê que ia, a dizê que ia, e quem é que podia cum o home?*<sup>85</sup>

Com sua simplicidade e sabedoria de vida, o pescador relata que o argentino passou mal durante a pesca e desmaiou. O mar estava agitado e alto. Toda a bebida e alimento que este tinha levado, enquanto pescaria sua desejada lagosta, foi apreciado e degustado pelos pescadores açorianos. No entanto, ao retornarem a terra, o argentino pediu quatro lagostas para levar consigo. Seu Deodolindo, no final, afirma “*O negócio é que gente da terra é da terra e gente do mar é do mar*”.<sup>86</sup>

Esta cena mostra que Lausimar Laus também teve um olhar para registrar a sabedoria de vida adquirida pelas pessoas de vida simples. O fato de falarem errado a língua portuguesa

---

<sup>85</sup> LAUS, Lausimar. *Ofélia dos navios*. Florianópolis. Ed. Lunardelli. 1983 p. 116.

<sup>86</sup> Idem, ibidem, p. 117.

mostra que não tiveram muitas condições de desenvolver seus estudos, mas aprenderam com a experiência desenvolvendo o trabalho de pescadores.



#### 4. A família como componente da identidade étnica.

E se construístes para ti um verdadeiro lar,  
Onde mora a amiga da tua alma,  
Veras, por teu esforço em meio da tempestade,  
Tua vontade ricamente recompensada  
Ernest Niemeeyer<sup>87</sup>

Muitos imigrantes alemães, ao cruzarem os mares, vinham para ficar, suplantando a saudade, através da preservação dos costumes na sua família.

Para o imigrante alemão, a pátria de um indivíduo é o seu lar (*Heim*). Eles passaram essa ideologia para seus filhos teuto-brasileiros, determinando que, para que a *Deutschtum* fosse preservada, era necessário que os integrantes da família casassem apenas com pessoas de origem alemã, falassem sempre a língua alemã, principalmente no lar, como já foi dito anteriormente.

Na área urbana, onde houve mais assimilação dos costumes brasileiros, foi difícil evitar os casamentos com outras etnias, ocorrendo assim à miscigenação. Mas nas colônias, onde os imigrantes alemães e seus descendentes teuto-brasileiros ficaram afastados durante muitos anos, prevaleceu a endogamia. Giralda Seyferth, ao citar Willems, diz que:

*Os imigrantes chegaram às áreas de colonização com suas mulheres e filhos, e só raramente (o início da colonização de Blumenau, por exemplo) o número de homens excedia o de mulheres.*<sup>88</sup>

<sup>87</sup> Apud, STEIL, Marcelo. *Desvendar o tempo: a poesia em língua alemã produzida nas zonas de colonização em Santa Catarina*. Blumenau: HB, 2002. p.36.

<sup>88</sup> SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.p. 148.

Lausimar Laus, em *O guarda-roupa alemão*, descreve muito bem as características dessa família alemã.

Ela estabelece o conflito familiar, quando os valores culturais alemães são exigidos por Ethel Ziegel dentro da família, porém os filhos Klaus e Hilda rebelam-se, questionando-os e agindo de acordo com o que acreditam ser o melhor para as suas vidas.

Eles almejavam a liberdade em suas ações, e isso inclui a independência para amar, sem excluir raça, cor ou posição social. Os pais resistem, principalmente Ethel Ziegel, pois, para ela, “*uma raça é uma raça!*”<sup>89</sup> Ela afirma a superioridade étnica alemã, já que o sangue demonstra que a nacionalidade é herdada.

A notícia surpreendente do casamento de Klaus com a adolescente Sacramento, sendo do conhecimento de todos da colônia e tendo o consentimento autoridades, representadas pelo Bispo e do administrador, dificultou para Ethel Ziegel o rompimento deste enlace matrimonial. No entanto, dentro do lar, ela evitava a aproximação dos dois, porque, enquanto não tivessem uma intimidade sexual, não gerariam filhos, só que o seu desejo não ocorreu. Lausimar Laus descreve, com uma linguagem poética como aconteceu o primeiro momento de amor entre os dois, tendo Klaus se aproveitado da ausência dos pais:

*(...) Os cabelos misturados, os pés unidos, o corpo num só elemento e como o céu mandava água! O canteiro de margaridas recendia um cheiro ácido de pólen esmagado. O calor ia passando com a chuva brincando de fazer amor. O sêmem espalhado ia fecundar.*<sup>90</sup>

Percebemos que Ethel Ziegel não pôde conter esse fato em sua família, e não facilitou para Klaus Ziegel, por achar que a figura masculina prevalecesse sobre a figura feminina da filha Hilda. O que ocorre é que no lar alemão persistia a predominância dos princípios

<sup>89</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989 p. 180.

<sup>90</sup> Idem, ibidem p. 24.

fundamentais do nacionalismo alemão e do grupo étnico alemão, mesmo com a infiltração de outras pessoas no grupo.

A verdade é que Ethel Ziegel não teve condições de arquitetar em relação ao filho um ato bárbaro, como fez com Hilda. Ao espionar várias vezes como se relacionava a nudez da filha com o negro Bube, em baixo da aroeira brava, uma planta nativa e forte, em um desses encontros, ela tomou conhecimento da gravidez de Hilda e planejou uma tragédia.

Assim, como Medéia, personagem da tragédia escrita por Eurípedes, Ethel se torna cúmplice de uma mesma postura e comete o filicídio, não publicamente como Medéia. Elas, em virtude de serem vítimas de suas paixões, achavam que tinham o poder de decisão entre a vida e a morte de seus filhos e preferiam executá-los, por não aceitarem serem traídas; Medéia pelo marido e Ethel Ziegel pela miscigenação na sua família.

Vejamos a personagem Ethel. Ela, por amor ao marido, mudou seus hábitos e aceitou a nova condição de vida que lhe fora imposta. Para isso, a mulher delicada e instruída tornara-se forte e dominadora, sendo fiel aos seus princípios ideológicos e não aceitando que a identidade étnica fosse violada. Muitas mulheres preferiram voltar que se sujeitar a uma vida simples e sem muito conforto.

Não foi o caso de Ethel Ziegel. No entanto ela achava-se no direito de decidir tudo, pois pensava ser perfeita. Ethel comete o filicídio porque não queria deixar Hilda fecundar uma nova raça. A matriarca não consegue se libertar dos preconceitos. Na sua convicção, sua raça alemã era nobre e o negro não era nada.

Ela era a juíza e confessa que não tinha coragem, mas ao visualizar os ipês dourados que irradiam alegria e a vida, ela resolveu que Hilda não fecundaria naquela terra, seus filhos não podiam se firmar fortes e resplandecer como aquelas árvores. Com a visão de defender os seus ideais patrióticos e a raça pura de sua família, ela vai as últimas consequências.

A violência praticada por Ethel é similar ao nazismo. Este agiu querendo uma raça pura e chegou a querer extirpar outras raças para garantir sua vitória.

No final do romance, é através da gaveta do *Kleiderschrank*, lugar que ela designara poder ser aberto somente pelo último descendente da família Ziegel, é que seu desejo se concretiza. Ralf, o legítimo alemão, e não Homig, o bisneto, é quem lê a carta e descobre seu crime. Nesse instante percebemos a fragilidade de Homig, pois não tivera coragem para descobrir sozinho, soube respeitar o último desejo, sendo mais uma vez disciplinado.

Então surge a surpresa: Ethel Ziegel se desmascara, confidenciando e demonstrando que gostaria de ter sido como sua filha, (...) *fiel a si mesma e às suas convicções*<sup>91</sup>, pois sufocara durante uma vida inteira os seus desejos, em virtude da ideologia germânica. Ethel, afinal, demonstra que o mais fundamental é a sinceridade e a coragem para assumi-la. Ela, pessoalmente, reconheceu a si mesma e à sua educação, e assumiu aquela máscara errônea de mulher forte e impositiva, para defesa da raça alemã. Entretanto, se ela não tivesse percebido que agiu erradamente, não teria deixado aquela confissão dupla: de seu filicídio, matando Hilda, e do reconhecimento de que a espontaneidade sincera de Hilda, sem submeter-se a imposições racistas e tradicionais, era muito mais verdadeira. Aliás, podem-se, certamente, detectar em Hilda muitos traços da personalidade da própria Lausimar: não submeter-se a imposições tradicionalistas, buscar acima de tudo a liberdade e a autodeterminação, renunciar às acomodações que exigiam submissão, mesmo à custa de sacrifícios e de afrontamentos, porque a liberdade de ser compensa tudo.

O que observamos é que, enquanto o lar era alemão, existiam possibilidades de permanência dos princípios fundamentais do nacionalismo alemão e do grupo étnico alemão, mesmo com a infiltração de outras pessoas no grupo.

---

<sup>91</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989. p. 180.

Em *Tempo permitido* e *Ofélia dos navios* a família alemã é formada já com casamentos interétnicos.

No primeiro romance, temos o casamento de Dona Edla com o lajeano Nataniel e, no segundo romance, Karl Günther com Dona Marta, neta de açorianos.

Essas uniões não eram tão comuns na época, mas demonstram que já ocorria avanço nas relações entre pessoas descendentes de diferentes nacionalidades, pois em anos anteriores os preconceitos raciais dificultavam as relações interpessoais. As dificuldades ideológicas são constantes assim, como as financeiras, ocasionadas também pela questão política dominante e a guerra. Possivelmente, esses casamentos interétnicos constituíram mais a manifestação do desejo de abertura da autora.

A educação dos filhos na família é firme e disciplinada, onde a mãe é a responsável pelo ensino da língua alemã e dos valores morais e culturais. Sempre a preocupação de formar os filhos não só na escola, mas para a vida em família, dando orientações com os cuidados para a manutenção da casa, a limpeza, o trabalho na lavoura. No relacionamento das mães com os filhos e filhas, existe uma frieza maternal, como se a sensibilidade suplantasse a autoridade no lar. O afeto é visto em algumas ações. A mãe de Hanelle quando a filha estava dormindo ela silenciosamente se levantava para cobri-la, evitando que o frio da madrugada prejudique a saúde de sua filha. Como era preciso exigir com rigidez impositiva a manutenção das tradições, sensibilidade e carinho até nas relações das mães com os filhos poderiam deixar transparecer alguma fraqueza e alguma abertura para a autodeterminação destes. Nos romances observamos que, a princípio, não existe um diálogo franco, entre mãe e filha sobre uma orientação sexual, pois essas mulheres representam um tempo onde existia uma discriminação e elas mesmas escondiam os seus desejos e dúvidas.

Em *Tempo permitido*, D. Edla com as filhas é uma mãe muito alemã que não as deixava pisar em ramo verde.<sup>92</sup> Observamos, no entanto, que ela sofre, pois casara com Nataniel, após ter fugido de casa, sendo ainda uma adolescente de quinze anos. O marido, um brasileiro de atos grosseiros, vivia brigando com todos, enquanto ela se penitenciava, falando baixinho “-*Eu me casei na sujeira, na sujeita tenho de viver.*”<sup>93</sup>

Decepcionada com o casamento, tenta impor os costumes para as filhas. Muito adoentada, não vigiava as filhas e desconhecia os comentários da vizinhança. Menininha, desde mocinha, já tinha relações sexuais com o vizinho Ralf, ocorrendo uma gravidez que foi escondida de todos. Celina, ainda pequena, espiona o namoro de sua irmã mais velha Menininha, mas não compreende o que ocorre. Aos 16 anos, no bairro Paraíso, em São Paulo, Celina, ao visitar sua irmã Menininha conhece Bernadete, cunhada de sua irmã, que perdera o marido num acidente aéreo. Sente-se atraída por ela. O desfecho do relacionamento entre as duas ocorre quando Menininha “*a pegara com Bernadete, em cima da cama de Martha, a sobrinha mais velha.*”<sup>94</sup>

O escândalo foi inevitável para todos da família, e para Celina tornou sua personalidade confusa. A família não aceita sua escolha e ela se cobra:

*“O rictus de sua face a descoberto era uma máscara trágica. Uma face de deboche contínuo. Eterno cinismo aos outros, a desconfiança dos outros, as suas paixões incontidas, ligadas, não sabia se ao normal ou anormal.”*<sup>95</sup>

Em *O guarda-roupa alemão*, Lausimar Laus também aborda o lesbianismo, através de uma personagem chamada por Menininha. Sendo uma filha adotiva, vive sempre protegida

---

<sup>92</sup> LAUS, Lausimar. *Tempo permitido*. Rio de Janeiro: Cia Editora Americana: Brasília, INL, 1970.p. 23.

<sup>93</sup> LAUS, Lausimar. *Tempo permitido*. Rio de Janeiro: Cia Editora Americana: Brasília, INL, 1970 .p.79.

<sup>94</sup> Idem, ibidem p.152

<sup>95</sup> Idem, ibidem. p. 22

pelos pais e tem uma vida confortável e com hábitos finos. Sentido-se prisioneira rebela-se namorando às escondidas e confidencia para Lula (...) *mas o primo da Vina, o Neca e o Nino da Genoveva, todos juntos não me fazem esquecer a Zoraide.*<sup>96</sup> Menininha chega a casar, ter filhos, mas não esquecia Zoraide.

Lausimar Laus mostra que Celina em *Tempo permitido* teve uma vida mais desajustada na família, não tendo muito afeto, principalmente do pai Nataniel, que era um homem rude. Já a personagem Menininha do romance *O guarda-roupa alemão* era cercada de muito carinho e tinha uma ótima condição de vida, porém o convívio com Zoraide fez com que sua vida afetiva tomasse outra direção.

Em *Ofélia dos navios*, a falta de orientação sexual é demonstrada quando Hanelle confessa, numa carta para sua mãe, a sua frustração com o marido, dizendo:

*(...) Também, o nosso casamento foi com um raio, tudo aconteceu num abrir e fechar de olhos, que eu mesma não acredito que haja o que se chama, por aí, de amor. Procuro acostumar-me à nossa situação, mas olhe aqui, olhe, escute bem. Estou grávida!!! (...) Eu é que estou abismada com isso. Afinal a senhora nunca me deu a confiança de me falar no que acontece depois do casamento. Mas eu li. Li aquele livro que a senhora escondia no seu quarto, lá atrás da caixa de chappeus, em cima do guarda-roupa. Lá diz que homem e mulher, quando se juntam para o coito, (coito eu vi no dicionário) ambos na realização do tal ato, têm um prazer indizível. Eu lhe confesso agora, que estou longe da vara de marmelo, que não conheço esse negócio. (...) O Donato para mim é um homem rico, poderoso, que pode palmilhar as ruas do mundo, mas nem de longe, nunca será capaz de encontrar as ruas da minha alma.*<sup>97</sup>

As palavras da filha revelam que ela também era uma mulher frustrada. O marido sempre viajando fazia com que ela não tivesse uma vida sexual ativa. Dos poucos momentos que eles ficavam juntos, resultava logo uma gravidez, trazendo assim uma maior

<sup>96</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed. Florianópolis, 1989.p. 81

<sup>97</sup> LAUS, Lausimar. *Ofélia dos navios*. Florianópolis: Lunardelli, 1983. p. 76.

responsabilidade para ela naquele lar. A falta de paciência de Dona Garten, sempre usando a vara de marmelo para resolver a indisciplina da filha, pode ser observada como a falta de carinho que ela não recebia durante os dias e noites naquele lar.

Lausimar Laus, partindo da imigrante alemã que vivia na colônia, vai, através da figura feminina de suas filhas, construindo uma voz, que revela uma emancipação gradativa onde, o prazer sexual é encontrado de diferentes formas, transgredindo muitas vezes a rigidez que algumas mulheres não souberam ultrapassar.

De acordo com os estudos feitos por Simone Aires Vogel, ao citar Janaina Amado, informa que:

*(...) as moças podiam ir a festas sozinhas, e o namoro não era tão vigiado tinham liberdade para namorar e também para escolher o noivo, alguns colonos, dependendo da região meridional ou ocidental da Alemanha de onde tivessem emigrado “permitiam inclusive a prática sexual antes do casamento”.<sup>98</sup>*

Os alemães eram religiosos e o casamento deveria permanecer por toda a vida. A experiência antes do casamento não era comum e talvez fosse uma possibilidade para que as relações não fossem rompidas e as pessoas mais realizadas. Provavelmente essa liberdade de alguns chocou bastante os costumes brasileiros, pois em anos anteriores a moça tinha que casar virgem. Nos romances sugere-se uma vida mais recatada, das moças teuto-brasileiras.

Nos romances, Ethel Ziegel, Edla e Gardem são mães que trazem muitas marcas germânicas; já Hilda e Celina vivem a conquista da mulher, no tempo e no espaço, combatendo os preconceitos, dentro da ideologia projecionista da autora.

Hanelle, tão livre, no início do romance, traz recordações da vara de marmelo usada pela mãe, reprimindo-a por viver andando pelo circo, o porto, o Quilombo, sempre em uma

---

<sup>98</sup> VOGEL, Simone Aires. *Figuras femininas de origem alemã no romance a face do abismo de Charles Kiefer*. Florianópolis. 2003. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal p.87.



liberdade desafiadora. Muda com o tempo. Mais experiente conhece a realidade da responsabilidade e o status que não conseguiria exercendo o magistério. Ela casa com um homem apenas pelo conforto e interesse que esse podia lhe dar. Não o amava. Hanelle foi vítima de sua escolha, casara virgem e as emoções que conhecera provinham apenas de leituras num livro, o que se contrapõe com Hilda, que buscava o prazer natural e confessava com objetividade e determinação:

*(...) tudo é natureza viva. E foi a natureza que me deu esse direito. Eu me deito com um homem que me dê prazer e jamais vou entender outra coisa.*<sup>99</sup>

A maior nudez de Hilda estava na alma. Ela aprendera a amar com a natureza, vendo os bichos e pássaros em harmonia. Hilda soubera viver sendo o que era, dentro do que a vida podia lhe dar e do que ela poderia vir a ser.

Em *Ofélia dos navios* não podemos esquecer da personagem Ofélia, chamada carinhosamente por Fefê. Ela, sentindo-se ameaçada pelo pai, um teuto-brasileiro que passava grandes dificuldades financeiras para manter o lar, resolve ir morar em Caçador com a família. Ofélia, determinada a conhecer o mundo, sabe que ir com os pais significava anular-se para sempre. Mais uma vez é com a morte que Lausimar Laus traça o destino de suas personagens. Ofélia planeja sua morte, com a ajuda de Gonçalves da Cor Ausente, que vivia no Quilombo. Ofélia finge ter morrido para todos da família. Escondera-se numa casa de prostituição durante muito tempo, a fim de que, quando seu amado chegasse, ela pudesse renascer em outro país, juntamente com o homem que escolhera. No entanto, muito doente, não sobrevive na travessia e vem a falecer no navio em que seu marido a escondera. Seguindo a tradição:

---

<sup>99</sup>LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989. p. 138.

*“O Tanaka Maru” faz três voltas no ponto onde o corpo foi lançado, dando o último adeus àquela que, pelo casamento, era também uma pequena parte do Japão.<sup>100</sup>*

A decisão de Ofélia foi radical, a presença do homem naquela sociedade era muito forte. Sua mãe e avó argumentavam contra a mudança, porque as crianças eram ainda pequenas e precisavam de escola, e isto as preocupava. Além disso, o pai de Ofélia sempre foi ferreiro e não entendia nada de agricultura. Sua esposa lutava através das palavras:

*- Mas lá nom terr ferraria... – lembrava-lhe a mulher, imitando-lhe a pronúncia carregada, para ver se ele desistia daquela mudança estranha. E ele respondia:*

*- Ferraria, feraria. Pastar com ferraria! Eu fai ser plantadorr de aimpim, fai fazerr um milharall crescer ponita, enton u fai serr espantalha no roça, parra no teixarr passarrinho comerr meu plantaçon.*

*- Olha aqui seu doido, eu sou neta de português dos Açores. Meu avô tinha quinta e quinta bem dotada e nunca vi homem vivo Sê espantalho. Ele fazia um tipo de Judas, pendurava num pau comprido, botava um chapéu de palha nele, tinha fruta assim, (fazia um gesto com os dedos se unindo e se fechando). Nunca os passarinhos chegaram lá. Depois, esse negócio dos terrenos do teu pai, lá em Caçador, mato puro, sem uma triste venda pra gente comprar qualquer coisa, não dá. E ainda quando chegar o tempo dos gafanhotos, a nuvem deles, não tem espantalho que dê conta.<sup>101</sup>*

Dona Marta era uma mulher que buscava o diálogo para resolver os problemas referentes à família. Sendo neta de açorianas, dizia que com os filhos “a gente fala de igual pra igual, mansinho como um beija-flor com as asas”.<sup>102</sup> Sua atitude se contrapõe à visão matriarcal de dona Rosa Garten, mãe de Hanelle, que tentava impor a educação através da

<sup>100</sup> LAUS, Lausimar. *Ofélia dos navios*. Florianópolis: Lunardelli, 1983.p.134

<sup>101</sup> Ibidem, idem.p. 47.

<sup>102</sup> LAUS, Lausimar. *Ofélia dos navios*. Florianópolis: Lunardelli, 1983. p.51.

vara de marmelo.(...) –*Isso é o que tu estás pensando João. Ela ainda não parou de fazer suas besteiras. Ainda ontem lhe dei uma varadas...*<sup>103</sup>

Observamos que Lausimar Laus buscou nessas narrativas descrever com verossimilhança a vida em família, registrando que a vida da mulher imigrante não foi fácil. De acordo com pesquisas, elas aparecem sempre trabalhando nos afazeres domésticos, no comércio, também cultivando a horta e o jardim.

Segundo Joana Maria Pedro, ao citar Cristina S. Wollf, ela afirma que a mulher de origem alemã:

*devia saber respeitar, ser asseada, ser boa mãe e boa filha; ter uma sexualidade restrita ao casamento, ser solidária com os vizinhos e parentes, além de econômica e comedida.*<sup>104</sup>

Nessa visão nos romances *Tempo permitido*, *O guarda-roupa alemão* e *Ofélia dos navios*, a autora descreve as mulheres alemães realizando sempre mais de uma jornada, ora e realizado dentro de casa, com os afazeres domésticos, ora fora deste, seja na plantação, nas relações comerciais, tendo também o seu trabalho uma representação financeira da família. Vejamos através de alguns exemplos:

Em *Ofélia dos navios*, Dona Garden representa essa mulher, num universo onde cuidava praticamente sozinha dos cinco filhos, já que o marido sempre viajava a trabalho. Muitas mulheres foram matriarcais, não somente pelas viagens comerciais que os maridos faziam; também quando os homens foram para a guerra, foram as esposas que organizavam tudo.

<sup>103</sup> LAUS, Lausimar. *Ofélia dos navios*. Florianópolis: Lunardelli, 1983. p.70.

<sup>104</sup> PEDRO, Joana Maria. “Mulheres do sul.” In:PIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto,1997.p.289.

*(...) Era, ao mesmo tempo a professora, a diretoria, regia turmas do primeiro ao quarto ano e ainda dava aulas de graça, em casa, para os alunos mais fracos. Era uma brava mulher. Com cinco filhos pequenos, cuidava de todo mundo, costurava para os filhos, dava remédios ao pessoal do Quilombo, acudia aflitos e desesperados. O marido sempre viajando nos navios do Lloyd passava tempos sem poder ir a Itajaí. (...) aquela mulher nunca saía de casa para divertir-se. Só a escola. Os filhos. O compromisso sério de educá-los. A vida era dura.<sup>105</sup>*

Em *O guarda-roupa alemão*, Frau Weber, esposa do hoteleiro Werther, cuidava com amor do hotel, com tudo limpo e arrumado, o espelho que ficava entre a cozinha e o corredor era o seu referencial para ela visualizar os que naquele lar chegavam:

*(...) a mulher orientava tudo, um olho na parede outro na missa, ia às compras, cozinhava ao lado da empregada Hilda, fazia a jardinagem, cuidava da horta, lavava o chão pela manhã, se é que se podia chamar de chão o espelho de soalho brilhando limpo e perfumoso, o ar da casa cheirando bem e a decoração harmoniosa e alegre, como uma perfeita casa da Baviera.<sup>106</sup>*

As roupas que as personagens alemãs vestiam mostram que usavam de acordo com a ocasião, também representando sua nacionalidade alemã, que muitas vezes se contrastava numa região com temperatura média no verão de 24,5<sup>o</sup> C e no inverno 15,6<sup>o</sup> C, sendo os meses de janeiro e fevereiro os mais quentes e os meses de julho a agosto os mais frios. Homig relembra quando a mãe fora buscar Herna:

*E lá de dentro saiu a Mama: a saia preta até os pés, de barra bordada, a blusa branca à moda da Baviera. O colar de azeviche trazendo na ponta a medalha, o retrato do marido. O chapéu. A copa toda coberta de flores. O sapato abotinado pesado e difícil.<sup>107</sup>*

<sup>105</sup> LAUS, Lausimar. *Ofélia dos navios*. Florianópolis: Lunardelli, 1983. p. 65.

<sup>106</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989. p. 104.

<sup>107</sup> Ibidem, idem p. 16.

Também em *O guarda-roupa alemão*, podemos vislumbrar a figura simpática de *Frau Kunn*, que saía com sua carroça, de Blumenau, para vender os produtos da colônia em Itajaí. Sendo uma colaboradora do trabalho fora de casa, ela se orgulhava da sua origem alemã e mantinha o equilíbrio.

*Naquele dia a carroça de verduras, frutas e queijadinhos frescos de frau Kunn. Ela na boléia. Vestido branco todo bordado, chapéu cheio de flores e aqueles sapatos característicos da velha Alemanha. Por cima do avental bem engomado, todo guarnecido de bordado inglês. A maleta de couro, grande, cheia de repartições, estava a tiracolo, para levar o troco e voltar com dinheiro da fêria que fizesse em Itajaí.<sup>108</sup>*

A culinária, com pratos típicos alemães, também compunha o cenário demonstrado com muito capricho pelas imigrantes alemãs. Elas faziam salgados e doces numa variedade enorme. Os doces de mel eram enfeitados com confeitos vindos da Alemanha. Em festas familiares, bem como em eventos sociais, principalmente relacionados com a Igreja, elas se destacavam, pois a luxúria apresentada naquelas mesas não era o único pecado capital que se vislumbrava, pois induzia à gula:

*(...) Os docinhos das crianças davam água na boca. As senhoras alemães, quituteiras como ninguém, reuniam-se dois dias fazendo doces. A reunião principal era na casa de dona Matilde(...) Fazia gosto ver aquelas Fraus todas, numa linha impecável, do forno para o fogão, do fogão para o forno. Os aventais de linho, muito brancos, enfeitados de bordado inglês com peitilho de renda e o cabelo para o alto, à moda do “le Gateau de rois”. A cozinha brilhando, os tachos de cobre luzindo, o humor invadindo a casa.(...) A noitinha, já estavam os doces nos tabuleiros cobertos pelas toalhas bem*

<sup>108</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3.ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989. p.156.

*passadas, guarnecidas de renda. (...) Na cozinha de Frau Kunn tudo já estava perfeitamente limpo e organizado. O armário grande cheio de vidros de conservas de frutas, num colorido que ia desde o amarelo, o vermelho até o sépia. (...) O padre Melcher recebia os doces sua criada Hermengarda arrumava tudo para a missa do dia seguinte. Eram corações bem delineados, a cor sépia, enfeitados com dezenas de confeitos coloridos que vinham da Alemanha. Eram botinhas, arvorezinhas, pêras, abacaxis, enfim, todas as formas que representavam a flora e a vida na cidade. Todo mundo já sabia: os doces de mel eram para as crianças. A gasosa era primazia das mulheres, depois os homens. A mulher tinha um sentido muito alto para o padre Melcher. Isso ele ressaltava em suas pédicas domingueiras: o mullherr tem tudo que a homem tem, mas o alma do mullherr ser diferente. É o alma do criançon.<sup>109</sup>*

Os panos que cobriam os alimentos traziam sempre desenhos coloridos e provérbios. Na decoração dos ambientes, os móveis com arabescos, os quadros, a louça usada, a arquitetura das casas representavam sempre a Alemanha.

Nos romances percebemos, no que diz respeito à família, que a imigrante alemã tinha um papel participativo nas decisões familiares, como podemos ver em *O guarda-roupa, alemão* quando Homig relembra que: *Herr Ziegel, para tudo, consultava a Mutter.*<sup>110</sup>

Também *Tempo permitido*, as recordações surgem através da mente de Celina:

*No dia seguinte diz que avó se aprontou toda. Foi à Costeira e trouxe uma papelada que ninguém sabia o que era. Uma semana depois vô embarcou e só disseram a mãe que ele tinha ido pro rio, esperar um navio que o levaria à Alemanha.<sup>111</sup>*

A mulher imigrante diferenciou-se em muitos aspectos das brasileiras. Muitas imigrantes alemãs não escondiam o desejo de ficar na Alemanha. Na literatura são representadas como mulheres firmes, disciplinadas, boas mães e esposas. No entanto, como

<sup>109</sup> LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989. p. 92-93.

<sup>110</sup> Idem, ibidem p.10

<sup>111</sup> LAUS, Lausimar. *Ofélia dos Navios*. Florianópolis: Lunardelli, 1983. p.77.

outras mulheres, respeitavam a opinião do marido, sendo religiosas e dependentes deles, já que as religiões católica e presbiteriana não permitiam a separação. Muitas não se realizaram plenamente.

Os homens, dentro da família, eram muito trabalhadores, no período de guerras foram recrutados para defender o Brasil, como também muitos voltaram para Alemanha, para defender seu país de origem. Nos romances, na visão dos filhos eles são mais fraternos, talvez por se ausentarem com maior frequência.

## Conclusão

Através deste trabalho foi possível conhecermos sobre a imigração alemã através do mundo fictício escrito por Lausimar Laus. Para ela, muito do que foi registrado através de seus personagens fazia parte de sua história, que teve grande influência da ideologia germânica.

De acordo com Afrânio Coutinho, “a literatura se revigora sempre que fica próximo de suas raízes, e tanto mais quanto mais profundas mergulharem o solo.”<sup>112</sup>

Ao trilharmos os percursos de cada romance de Lausimar Laus, percebemos o minucioso cuidado com a linguagem, usando metáforas e um rico vocabulário regional. Uma variedade lingüística soma-se a um discurso poético. Além disso, a descrição detalhada nos leva para uma viagem fantástica sobre a vivência dos imigrantes alemães. Através da imigração alemã, conhecemos os motivos que os motivaram, homens, mulheres e crianças, com grande grau de cultura, a cruzarem os mares e se estabelecerem no sul do Brasil. Também conhecemos através dos romances e de uma abordagem histórica, a necessidade que os imigrantes alemães sentiam em preservar a ideologia alemã. Para eles, o *Deutschtum* se constituiu no uso da língua alemã, na conservação da cultura, e principalmente na valorização sanguínea como um fator que estabelece a nacionalidade acima do Estado e da cidadania.

Assim, fomos em busca de observar a identidade étnica através da língua alemã e da família. É claro que outros fatores também foram relevantes, mas a língua alemã estava presente nos jornais, almanaques, clubes recreativos, comércio, e principalmente, no lar que representa a *Heimatt*. Por isso, houve o desejo de preservar a língua alemã dentro da família como também na comunidade.

---

<sup>112</sup> COUTINHO, Afrânio. *Introdução a Literatura no Brasil*. Rio Ed. Civilização. Brasileira, 1878. p. 206.



Com a primeira e segunda guerra mundial e o nacionalismo nazista, acentuaram-se os conflitos e preconceitos que existiam entre teuto-brasileiros e brasileiros, gerando assim desarmonia, injustiças e preconceitos, principalmente dos brasileiros em relação aos teuto-brasileiros, pois da sua maneira aprenderam a amar o Brasil. Registramos que o fato de não terem aprendido o português foi em grande parte culpa do governo brasileiro, que não investiu em escolas brasileiras. Getúlio Vargas teve seu papel ao implantar a língua portuguesa com a campanha do nacionalismo, porém a forma como foi realizada trouxe sérias consequências para os descendentes de alemães.

No que diz respeito à família percebemos a união de todos no trabalho na colônia, tendo a esposa alemã um papel destacado nas decisões sobre a vida doméstica e na educação dos filhos. Essa mulher desempenhava várias atividades, sendo, muito vezes, a matriarca da família. Também se destacava na culinária, nos artigos artesanais, no cuidado da horta e do jardim. No entanto, na relação com os filhos, existia um distanciamento, mostrando-nos ainda a falta de um diálogo franco sobre os assuntos pertinentes do dia-a-dia e a orientação sexual. Na poesia dos almanaques a mulher é destacada sendo sempre uma companheira que ajuda a formar essa família.

Assim, estudar a imigração alemã nos romances de Lausimar Laus fez com que se ampliasse o horizonte de referência sobre o outro, despertando a curiosidade para o que o cerca. Seus personagens abrem possibilidades para uma reflexão sobre os preconceitos contra as etnias, o homossexualismo, o lesbianismo, a mulher na sociedade, revelando, na ficção, que algumas vezes os preceitos estabelecidos na educação familiar podem interferir no comportamento individual de cada um, mas que é possível libertar-se, mesmo que, para isso, tenham que enfrentar consequências drásticas.

Percebemos, também, que muitas vezes a violência privada do lar se assemelha à violência pública, porque é uma forma de preconceito e dominação sobre a liberdade.

Valorizando a história e a literatura, percebemos que a cultura de diferentes povos se estabelece gerando preconceitos. Esses podem ser refletidos, pois no país em que vivemos muitas injustiças já aconteceram. Aqui cabe ressaltarmos que à literatura não cabe apenas o papel de prazer, mas se constitui em formação social do indivíduo.

Finalizando, sabemos que com, a ausência de Lausimar Laus, a Literatura Brasileira perdeu uma grande escritora, mas sua obra continua presente nos estudos literários, na leitura de seus livros, levando-nos a refletir sobre as virtudes e maldades mais profundas do seres humanos.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mario. *Amar, verbo intransitivo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
- ARANHA, Graça. *Canaã*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1977.
- ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: Jackson, 1955.
- BARBOSA, Márcia Fagundes. *Vivendo além das Fronteiras: O guarda-roupa alemão de Lausimar Laus*. Florianópolis. 2002. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de Santa Catarina.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. 6. ed. São Paulo: Cultrix, s/d.
- BOSS Jr., Adolfo. *Quadrilátero. (O livro de Mateus)*. São Paulo: Melhoramentos, 1983.
- CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1976.
- COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução a literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização, 1978.
- D'AVILA, Edson. *Pequena história de Itajaí*: Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí; Fundação Genésio Miranda Lins, 1982.
- PEDRO, Joana Maria. "Mulheres do sul". In: PIORE, Mary Del (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- FORSTER, E.M. *Aspectos do Romance*. Tradução Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1969.
- HERKENHOFF, Elly. *Era uma vez um simples caminho... Fragmentos da história de Joinville*. Joinville: Fundação Cultural, 1987.
- HOFFMANN, Ricardo L. *A superfície*. Rio de Janeiro: GRD, 1967.

HUBER, Valburga. *Saudade e esperança: o dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*: FURB, 1993.

KLUEGER, Urda Alice. *Verde vale*. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

KLUEGER, Urda Alice. *As brumas dançam sobre o espelho do rio*. 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1992.

KLUEGER, Urda Alice. *No tempo das tangerinas*. 5. ed. Florianópolis: Lunardelli, [198-]

JUNKES, Lauro. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.

LAUS, Lausimar. *Tempo permitido*. Rio de Janeiro: Cia Editora Americana/ Brasília, INL, 1970.

LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1989.

LAUS, Lausimar. *Ofélia dos navios*. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

LAUS, Lausimar. *A presença cultural da Alemanha no Brasil*. Florianópolis: Lunardelli, s.d.

MOOG, Vianna. *Um rio imita o Reno*. 8ed. Porto Alegre: Globo, 1973.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.

SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

SEYFERTH, Giralda. *Identidade étnica, assimilação e cidadania: a imigração e o estado brasileiro*. Caxambu, MG: ANPOCS, 1993.

SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de lembrar, tempo de esquecer... as vibrações do centenário e o período de Nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville*. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina. 2004.

STEIL, Marcelo. *Desvendar o tempo: a poesia em língua alemã produzida nas zonas de colonização em Santa Catarina*. Blumenau:HB, 2002.

VERÍSSIMO, Érico. *O Tempo e o vento*. Porto Alegre: Globo, 1976.

VIEIRA, Vilca Marlene. *Uma leitura metafórica d'o GUARDA-ROUPA ALEMÃO de Lausimar Laus*. Florianópolis. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de Santa Catarina.1976.

VOGEL, Simone Aires.*Figuras femininas de origem alemã no romance a face do abismo de Charles Kiefer*. Florianópolis. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de Santa Catarina.2003.

WEBER, João Hernesto. *A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira*. Florianópolis: UFSC, 1997.

